

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS

LUIS EDUARDO FERNANDES DA SILVA

UTOPIA INDIVIDUAL EM EJA

Londrina
2013

LUIS EDUARDO FERNANDES DA SILVA

UTOPIA INDIVIDUAL EM EJA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos para obtenção do Título de especialista.

Orientadora: Prof^a. M^a. JANETE HRUSCHKA

**Londrina
2013**

LUIS EDUARDO FERNANDES DA SILVA

UTOPIA INDIVIDUAL EM EJA

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos.

Orientadora: Prof^a. M^a. JANETE HRUSCHKA

Londrina, de outubro de 2013.

Banca Examinadora

RESUMO

SILVA, Luis Eduardo Fernandes. Utopia individual em EJA. 2013. 69 f. Monografia (Especialização em Educação de Jovens e Adultos) – Universidade Técnica Federal do Paraná. Londrina, 2013.

O presente trabalho se propõe a refletir sobre algumas das causas que levam muitas pessoas a dar uma segunda chance a si mesmas, retomando seus estudos e matriculando-se na Educação de Jovens e Adultos, modalidade esta que é uma alternativa oferecida pelo Estado para a correção da defasagem de ensino e aprendizagem. Partindo deste tema, foram colhidos dados para ajudar a subsidiar esta pesquisa através de um questionário aplicado a estudantes da EJA que estão nas séries iniciais e os das séries finais. Foi aplicado o mesmo questionário a estes grupos distintos, a fim de comparar as diferenças entre eles. Com isto procurou-se conhecer como esta capacidade de sonhar com o futuro atua nos alunos da EJA. A pesquisa revelou algumas das utopias individuais que motivam os cidadãos a retomarem os estudos. Revelou também que as pessoas podem ir além do objetivo de capacitação profissional e mostrou a importância de os educadores ficarem atentos a estas expectativas para que este processo seja mais proveitoso para ambos os lados.

Palavras-chave: EJA. Utopias individuais. Retomada dos estudos. Valoração da educação.

ABSTRACT

SILVA, Luis Eduardo Fernandes. Utopia individual em EJA. 2013. 69 f. Monografia (Especialização em Educação de Jovens e Adultos) – Universidade Técnica Federal do Paraná. Londrina, 2013.

This monograph aims to reflect on some of the causes that lead many people to give a second chance themselves, resuming his studies and enrolling in Youth and Adult Education (EJA), mode which is an alternative offered by the State to correct lag of teaching and learning. From this theme, data were collected to help subsidize this research through a questionnaire administered to students who are in the early and in the final EJA series. The same questionnaire was applied to these different groups in order to compare the differences between them. With this we sought to understand how this ability to dream the future acts on students in EJA. The research revealed some individual utopias that motivate citizens to resume their studies. Also revealed that people can go beyond the scope of professional training and showed the importance of educators to be aware of these expectations for this process to be more fruitful for both sides.

Keywords: EJA. Individual utopias. Resumption of studies. Valuation of education.

LISTA DE GRÁFICOS

Séries Iniciais EJA:

Gráfico 01- Questão 1(a): GÊNERO DOS ENTREVISTADOS.	38
Gráfico 02- Questão 1(b): FAIXA ETÁRIA.....	39
Gráfico 03- Questão 2: VÍNCULO EMPREGATÍCIO.....	40
Gráfico 04- Questão 3: MÉDIA SALARIAL.....	41
Gráfico 05- Questão 4: BENS DURÁVEIS	42
Gráfico 06- Questão 6(a): ANO QUE INTERROMPEU OS ESTUDOS	44
Gráfico 07- Questão 6(b): HÁ QUANTOS ANOS INTERROMPEU OS ESTUDOS ..	45
Gráfico 08- Questão 7: MOTIVOS PARA A INTERRUPÇÃO DOS ESTUDOS.....	46
Gráfico 09- Questão 8: SONHO REALIZADO.....	47
Gráfico 10- Questão 9: SONHO QUE GOSTARIA DE REALIZAR	49

Séries Finais EJA:

Gráfico 11- Questão 1(a): GÊNERO DOS ENTREVISTADOS	53
Gráfico 12- Questão 1(b): FAIXA ETÁRIA.....	54
Gráfico 13- Questão 2: VÍNCULO EMPREGATÍCIO.....	55
Gráfico 14- Questão 3: MÉDIA SALARIAL.....	56
Gráfico 15- Questão 4: BENS DURÁVEIS	58
Gráfico 16- Questão 6(a): ANO QUE INTERROMPEU OS ESTUDOS	60
Gráfico 17- Questão 6(b): HÁ QUANTOS ANOS INTERROMPEU OS ESTUDOS ..	61
Gráfico 18- Questão 7: MOTIVOS PARA A INTERRUPÇÃO DOS ESTUDOS.....	63
Gráfico 19- Questão 8: SONHO REALIZADO.....	64
Gráfico 20- Questão 9: SONHO QUE GOSTARIA DE REALIZAR	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - GÊNERO DOS ENTREVISTADOS.....	53
Tabela 2 - VÍNCULO EMPREGATÍCIO.....	55
Tabela 3 - MÉDIA SALARIAL.....	56
Tabela 4 - BENS DURÁVEIS.....	58
Tabela 5 - ANO QUE INTERROMPEU OS ESTUDOS.....	60
Tabela 6 - HÁ QUANTOS ANOS INTERROMPEU OS ESTUDOS.....	62
Tabela 7 - MOTIVOS PARA A INTERRUPÇÃO DOS ESTUDOS.....	63
Tabela 8 - SONHO REALIZADO.....	65
Tabela 9 - SONHO QUE GOSTARIA DE REALIZAR.....	66

LISTA DE SIGLAS

- CEEBJAs** - Centros Estaduais de Educação Básica para Jovens e Adultos
- CES** - Centros de Estudos Supletivos
- CNEA** - Campanha Nacional para Erradicação do Analfabetismo
- DEJA** - Departamento de Educação de Jovens e Adultos
- EPEJAs** - Encontros Paranaenses de EJA
- Fundef** - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério
- LDBEN** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MOBRAL** - Movimento Brasileiro de Alfabetização
- NAES** - Núcleos Avançados de Ensino Supletivo
- PAC** - Postos Avançados dos CEEBJAs
- PBA** - Programa Brasil Alfabetizado
- PNE** – Plano Nacional de Desenvolvimento
- PPA** - Programa Paraná Alfabetizado
- PPP** - Projeto Político Pedagógico
- PSS** - Processo Seletivo Simplificado
- SEED** - Secretaria de Estado da Educação
- SENAC** – Serviço Nacional do Comércio
- SENAI** – Serviço Nacional da Indústria
- TCT** - Termos de Cooperação Técnica
- UNESCO** - United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	13
3	UTOPIA	16
4	UTOPIA E O INDIVÍDUO.....	18
5	EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA	22
6	BREVE HISTÓRICO SOBRE A EJA	25
6.1	EJA PÓS INDEPENDÊNCIA	25
6.2	EJA NO BRASIL REPUBLICANO	26
6.3	O ENSINO NO BRASIL ALÉM DAS INICIATIVAS INSTITUCIONAIS	27
6.4	HISTÓRICO DA EJA NO PARANÁ	29
7	METODOLOGIA	33
8	RESULTADOS	38
8.1	SÉRIES INICIAIS EJA	38
8.2	SÉRIES FINAIS EJA.....	52
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
	REFERÊNCIAS	72
	APÊNDICE A.....	76

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia foi apresentada como critério de conclusão de Curso da Especialização em Ensino de Jovens e Adultos, da UTFPR, Campus de Londrina, Paraná.

Nesse sentido, não foi um mero acaso a opção por cursar uma Especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA). Acompanhei uma história familiar de superação e a EJA foi um caminho árduo para conseguir chegar a um lugar idealizado e muito desejado. Minha mãe estudou em um colégio de freiras até o equivalente ao ensino fundamental. Porém, quando achou por bem retomar os estudos, teve dificuldades em obter os documentos relativos a estes estudos e sem medo resolveu retomá-los desde o primeiro ano do ensino fundamental até o ensino médio.

Segundo minha mãe, o começo desse percurso foi mais fácil, pois devido a seus conhecimentos prévios a passagem de fase foi bem rápida. Entretanto, quando chegou ao ensino médio, a complexidade foi aumentando e com isto ela enfrentou momentos muito difíceis. Mais uma vez, teve que mostrar toda sua capacidade de superação e persistência para enfrentar essa etapa da vida, deixando mais esse exemplo para seus filhos e netos. Afinal, as dificuldades existem para todos, mas a maioria delas é possível superar e engrandece aquele que as supera.

Acompanhei sua trajetória em cada momento e assim pude conhecer a EJA em vários dos seus aspectos, como falta de estrutura, conteúdo, professores sem especialização para isto, falta de material didático específico, etc. Fui muitas vezes levá-la e buscá-la na escola e em algumas oportunidades assisti inclusive a trechos das aulas. Ajudei a resolver os trabalhos extraclases e a se preparar para as aulas. Assim, pude conhecer o funcionamento da EJA de uma forma particular e prática.

Por isso, quando o Claudiney, colega de curso do Profucionário (curso pós médio ofertado para funcionários de escolas estaduais), comunicou-me sobre a abertura de um curso sobre EJA na UTFPR, a identificação foi imediata e resolvi juntar esse conhecimento prático ao conhecimento teórico que era oferecido.

A cada aula teórica, pude lembrar o que havia vivenciado no meu contato com a EJA, problematizando e somando os dois conhecimentos para ter melhor compreensão sobre várias questões levantadas pelo curso.

Foi um processo de construção de um conhecimento mais aprofundado, estimulado pelas atividades que eram sugeridas pelos professores e relacionado com as experiências vivenciadas. Ao longo desse curso, o que mais chamou a minha atenção foi o que motivava aqueles que queriam retomar seus estudos, as suas esperanças e expectativas depositadas na EJA. Encarar novamente a sala de aula a superar os desafios para concluir os estudos, muitas vezes os mesmos que o fizeram desistir anteriormente e ainda enfrentar novas dificuldades... Qual é o significado disso para os alunos de EJA? Seria uma forma de redenção? Uma forma de concluir um ciclo de sua vida? Ou apenas uma necessidade emergente de capacitar-se melhor para suprir as demandas de um mercado de trabalho mais exigente? Estas são algumas das perguntas desta pesquisa.

Perguntas que vem de encontro ao tema deste trabalho, que é mostrar que o que move tais pessoas, defensoras de uma educação como instrumento de transformação, são as utopias individuais: objetivos, metas e sonhos que cada um carrega consigo e faz com que se sinta melhor preparado para enfrentar todas as dificuldades que terá pela frente. Logo, o objetivo principal deste trabalho é conhecer algumas das utopias individuais de um grupo de estudantes de EJA que os faz retomarem os estudos.

Por meio de tal pesquisa, esperamos contribuir com os educadores do EJA, ajudando-os a refletir sobre esse tema para que auxiliem os alunos a alcançar suas utopias individuais. Unindo o conhecimento de vida do aluno ao conhecimento formulado ao longo da história da sociedade, espera-se que a soma de tais conhecimentos possa os ajudar a compreender melhor o mundo e a ser mais felizes.

Nessa busca por identificar algumas das utopias individuais que levam as pessoas a retomarem seus estudos, estruturou-se o trabalho da seguinte maneira:

Revisão de literatura, momento em que se pesquisou estudos com alguma ligação com esta proposta temática e/ou pudessem complementá-la;

Utopia, em que se procurou trabalhar um pouco da história desse conceito e o sentido segundo o qual foi pensado neste trabalho;

Utopia e Indivíduo, que tem o objetivo analisar o sujeito (indivíduo) em sua relação com a utopia, conceituando a Utopia individual, que é o tema deste trabalho;

Breve Histórico sobre EJA no Brasil, para que a trajetória da EJA ajude a visualizar como esta modalidade de ensino foi instituída no país, dividindo-se em alguns subcapítulos para facilitar a visualização de alguns momentos históricos da EJA;

Metodologia, em que se procurou mostrar a particularidade do aluno de EJA e um pouco do contexto e dos objetivos que estão por trás desse método de ensino, bem como algumas das características do questionário realizado, além de algumas das particularidades acerca do Colégio em que ele foi aplicado;

Educação Transformadora, em que se buscou levantar questões sobre as possibilidades transformadoras da educação e como este trabalho procurou ver a capacidade transformadora da educação;

Resultado, no qual os dados coletados nesta pesquisa são expostos e comentados;

Considerações Finais, em que se oferece uma análise da hipótese inicial sob o crivo dos dados coletados.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A capacidade criativa do ser humano é algo imensurável, tanto nas artes, na culinária, nos esportes, nas ciências, nas guerras...

A produção intelectual também é muito dinâmica e ao realizar esta pesquisa foi feito um levantamento de obras que abordassem temas voltados à EJA, com propostas que tivessem algo similar à proposta deste trabalho.

Ao longo deste estudo, deparamo-nos com obras diversas, muitas das quais tratavam diretamente a utopia e a EJA. Cada uma delas com suas peculiaridades e objetivos similares e diferentes deste trabalho. Mas a utopia em EJA que a maioria dos trabalhos analisados busca tem o ponto de vista de realizar a tarefa de tentar extirpar o problema da elevada evasão escolar no Brasil, democratizando a educação... O que também é algo muito interessante e nobre, mas não é o foco principal deste trabalho. Reiterando que o foco desse trabalho é descobrir as utopias individuais que levam o aluno a retomar os estudos através da EJA.

O caderno do Proeja (BRASIL, 2007), por exemplo, usa a perspectiva utópica a fim de garantir o acesso irrestrito à educação por todos. Esta proposta parece estar mais voltada para uma educação básica e principalmente de cunho profissional, porém o aluno de EJA tem outras utopias individuais. Mas será que os motivos da retomada dos estudos se exaurem apenas na busca por uma profissão?

Os autores Carlos e Barreto (2006) produziram um artigo que muito tem a ver com o tema Utopias individuais em EJA aqui abordado, em que analisam as expectativas do aluno que retoma os estudos no sistema EJA e o estranhamento que sofre ao se deparar com uma nova forma de ensinar. Com isso, demonstram que a EJA não supre as necessidades mais emergentes destes alunos:

O fato de nunca ter posto os pés numa escola, não significa que 'seu' João não tenha ideias bem precisas a respeito da escola. Para ele, assim como para a imensa maioria dos adultos analfabetos, a escola é o lugar onde os que não sabem vão aprender com quem sabe (o professor) os conhecimentos necessários para ter um trabalho melhor (menos pesado, mais bem pago) e um lugar social mais valorizado. (CARLOS; BARRETO, 2006, p. 65).

Realmente, tal temática tem muitos pontos que vêm ao encontro daqueles buscados desde o primeiro momento neste trabalho. Mas enquanto esta proposta de pesquisa busca as utopias individuais que levam o aluno a retomar seus estudos, os referidos autores analisam a visão que os alunos têm sobre a escola e como acham que o ensino em EJA deveria ser, dentro do seu senso comum. O que também é muito relevante para qualquer estudo sobre EJA.

O sentimento de culpa que o aluno carrega pelo seu “insucesso” na vida também é analisado neste artigo. Essa transferência de um fracasso social é repassada ao indivíduo, pois em nossa sociedade a meritocracia é usada para justificar a diferença social e de renda. Constatei isto quanto acompanhei os estudos de minha mãe e procurei ajudar a mostrar-lhe que era capaz de realizar seu sonho. O aluno se sente inferiorizado e busca na EJA resgatar o tempo perdido. Mesmo que individualizada, essa busca pode contribuir para melhorias sociais (CARLOS; BARRETO, 2006).

Linck (2011) expõe a experiência vivida por um projeto de leitura realizado com alunos de EJA, demonstrando a importância de se considerar os saberes informais que os alunos trazem para a sala de aula: “Considerar a caminhada do aluno EJA contribui para que ele expresse seus sentimentos, fantasias e opiniões, melhorando sensivelmente a produção de texto tanto oral como escrita.” (LINCK, 2011, p. 1). O que é muito importante para que o aluno da EJA possa se expressar melhor e correr atrás de seus direitos e de seus sonhos, de suas utopias, para que o processo de aprendizagem seja construído por todos os participantes.

Já Lopes (2007) analisa o processo de alfabetização de adultos na história do Brasil. Mais uma vez, as dificuldades do aluno de EJA fizeram recordar a experiência vivida pela minha mãe: o preconceito exteriorizado ou velado que sofrem esses alunos de EJA somados aos problemas enfrentados no seu dia-a-dia que dificultam seu aprendizado. Por isso, o trabalho do docente não pode deixar de ser o de ajudar o aluno a superar esse preconceito e o de valorizar o conhecimento de vida que o aluno traz, auxiliando-o a obter êxito na sua luta por uma melhor formação.

Outro trabalho que se destacou nesta pesquisa foi o de Fernandes (2007), em que são realizados estudos com alunos da EJA de uma escola da periferia do Município de Palhoça, estado de Santa Catarina. Essa iniciativa mostra várias atividades

promovidas para integrar e aumentar a autoestima dos alunos, tais como: jogos coletivos (vôlei, futebol, basquete...), danças, teatro, apresentações musicais, declamação de poemas, exposições de artes plásticas a partir de releituras de obras, capoeira, entre outras, o que torna as aulas mais interessantes e lúdicas. Uma importante iniciativa que auxilia esses alunos, sujeitos de direito, a conhecerem melhor suas utopias individuais, levando-os a sonhar, e melhor, a realizar seus sonhos.

Foram várias obras as quais tivemos contato ao longo deste estudo. Essas foram citadas por se relacionarem melhor com o tema proposto, mas há outras obras e autores que serão incluídos no decorrer do texto.

3 UTOPIA

Com o propósito de conceituar utopia foi consultado o Dicionário do Pensamento Social do Século XX, do qual citaremos um trecho com sua definição:

A palavra descreve uma comunidade ideal, livre de conflitos, que incorpora um conjunto claro de valores e permite a completa satisfação das necessidades humanas. As utopias envolvem normalmente um retrato sistemático da vida na sociedade imaginada ou, por vezes, a sua descrição em um romance. No século atual o ritmo de mudança social, política e tecnológica e as divisões políticas entre capitalismo e socialismo levaram a novos temas no pensamento utópico em que os proponentes de utopias se defrontam, por vezes, com antiutopias projetadas para desacreditar seus esquemas de aperfeiçoamento social (GEIGER, 2011, p. 787).

O termo em grego significaria “nenhum lugar”, mas foi utilizado pela primeira vez pelo inglês Thomas Morus em carta endereçada a Pedro Gilles (Secretário da cidade de Antuérpia), escrita em outubro de 1516, e que é incluída, como prefácio, nas edições iniciais do seu mais conhecido livro com o mesmo nome: *Utopia*. Um trabalho que serviu de inspiração para vários outros autores criarem suas obras, no qual Thomas Morus volta sua imaginação para o futuro, negando o presente (cf. BARBOSA, 2002, p. 26)

Mas, em sentido lato, o conceito de utopia tem raízes bem mais antigas, às quais remetem à história de nossa sociedade. A utopia se manifesta toda vez que se imagina uma situação ideal, uma nova forma de se pensar o devir. E tal processo imaginativo pode ser o primeiro passo para a transformação, para a mudança.

Ela [a utopia] está no horizonte [...] Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar. (BIRRI *apud* GALEANO, 1994, p. 310).

A utopia mudou o mundo, está em todos os momentos da história da humanidade. Fez várias pessoas e coletivos superarem suas adversidades e deu sentido à vida de muitas pessoas. Essa capacidade humana de vislumbrar uma possível transformação futura fez com que muitas coisas mudassem em nossa sociedade.

Nem sempre uma utopia acontece, ou quando acontece pode não ser como foi idealizada (talvez até melhor), mas ela foca as pessoas em um objetivo, o que contribui para que as transformações aconteçam. Por isso, enquanto houver utopia existirá possibilidade de mudança.

4 UTOPIA E O INDIVÍDUO

Ao longo dos anos, a humanidade viu a soma de necessidades e sonhos individuais se condensarem em utopias coletivas e assim transformarem a história. Porém, na atualidade esse importante processo de transformação, que tem a ação coletiva como combustível, vem cada vez mais perdendo sua força. Devido a um processo social de individualização e a uma massificação das individualidades, a qual atua através do consumo, dos gostos e da cultura, e que, por sua vez, individualiza e fragiliza os sujeitos.

Sabemos que no princípio o ser humano procurou andar em bandos para se proteger das adversidades e foi graças à vida em sociedade que ele conseguiu sobreviver e se destacar entre outras espécies – muitas vezes, maiores e mais fortes.

Essa saga de fazer parte de um coletivo começa na família. Quando a humanidade percebeu a necessidade de viver em grupos vieram os bandos, as tribos, as vilas, as cidades, os países. Foram várias as maneiras que os humanos encontraram para se fortalecerem enquanto Coletivo.

Rousseau (1980), logo no início de seu livro *O Contrato Social*, ressalta que a família é a mais antiga e natural forma de sociedade, mas que os filhos só estão ligados aos pais enquanto necessitam deles para sua sobrevivência. Se estes continuam unidos aos pais é de forma voluntariosa, e conclui que até a família não se sustenta sem convenções (ROUSSEAU, 1980, p. 37-38). O autor se serve do modelo de família da época para tentar formular uma teoria que questionasse o poder da nobreza em favor de uma nova classe que surgia. Mesmo assim, sua analogia faz sentido, pois realmente algumas convenções, conveniências fazem com que as pessoas se associem a outras.

Já para Espinosa (1983), o homem por natureza é livre, e é movido pelos seus desejos, porém em nome da razão, do Estado, ele se submete e abre mão de sua liberdade irrestrita em seu estado natural (ESPINOSA, 1983, p. 311).

Vários autores estudaram a importância do coletivo, sem menosprezar o indivíduo, a individualidade, mas problematizando-a. Foi dito por alguns críticos que não

há sujeito na obra de Foucault, que “o sujeito é sempre sujeitado”, como lhe opõe o entrevistador A. Fontana, ao que o autor responde, esclarecendo-se:

não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que se encontrar em qualquer lugar. Eu sou muito cético e muito hostil para com esta concepção de sujeito. Penso, ao contrário, que o sujeito se constitui por meio das práticas de assujeitamento, ou de uma maneira mais autônoma, através das práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade (FOUCAULT, 1994, p. 732).

Trazendo este debate para o contexto da EJA podemos ver que realmente muitas vezes esse aluno é sujeitado por várias condições, pois vivemos em uma sociedade onde a divisão social do trabalho dá mais oportunidades de qualificação educacional a uma minoria, relegando a maioria uma formação mais modesta, salvo algumas pessoas que conseguem superar as inúmeras dificuldades espalhadas pelo caminho. Porém a busca da realização de suas utopias através da EJA é um ato revolucionário, onde ele tenta transformar o seu futuro.

Foucault ressalta ainda que, com o cristianismo, o sujeito, o indivíduo, ficou mais delimitado por dogmas e regras:

Esta elaboração da própria vida como uma obra de arte pessoal, ainda que obedecendo a certos cânones coletivos, estava ao centro, me parece, da experiência moral, da vontade moral na Antiguidade, enquanto que, no cristianismo, com a religião do texto, a ideia de uma vontade de Deus, o princípio de uma obediência, a moral assume muito mais a forma de um código de regras (somente certas práticas ascéticas estavam mais ligadas ao exercício de uma liberdade pessoal). (FOUCAULT, 1994, p. 74).

Mas um autor como Foucault, que pesquisou temas polêmicos e de grande relevância (como hospícios, presídios, homossexualismo, etc.), vê a importância do sujeito, do indivíduo, mas sob um aspecto muito mais amplo e em outra perspectiva. O sujeito não pode ser visto como uma categoria, como forma isolada, pois ele é um reflexo da sociedade, dos seus dogmas, contradições e consequências.

Existem vários estudos baseados em aspectos sociológicos e psicológicos que procuram analisar os valores individuais e coletivos. O individualismo pode ser definido como aquele que dá maior ênfase ao sucesso íntimo, enquanto o coletivismo se reporta a atitudes que reforçam a cooperação entre os demais, mas existem valores mistos que conseguem ser compatíveis a ambos (GOUVEIA, 2003, p. 224 e 227).

Não é fácil tirar de várias vontades individuais um caminho coletivo, pois são interesses contraditórios, na maioria das vezes. Muitos sistemas políticos e teorias foram criados com o objetivo de unificar esses vários caminhos. A maioria deles visando ser o centro, aquele que determinava a direção que todos iriam seguir. Onde uma minoria tivesse o controle sobre as decisões de uma maioria. Mas enquanto uns se organizavam para monopolizar o poder, outros se organizavam para questionar este monopólio, com vistas a que o poder mudasse de mãos. Algumas destas teorias políticas procuraram socializar essa tomada de decisões com o grupo, mas a maioria delas não foi bem sucedida. O embasamento que garantiu o monopólio do poder, infelizmente, teve mais êxito:

O maior dos poderes humanos é aquele que é composto pelos poderes de vários homens, unidos por consentimento numa só pessoa, natural ou civil, que tem o uso de todos os seus poderes na dependência de sua vontade: é o caso do poder de um Estado. Ou na independência da vontade de cada indivíduo: é o caso do poder de uma facção, ou de várias facções coligadas. Consequentemente ter servidores é poder; ter amigos é poder: porque são forças unidas. (HOBBS, 1974, p. 57).

O que é mais comum na história da humanidade é o destino de muitos serem determinado por poucos, por um Estado. Talvez isso aconteça por um hábil poder da classe dominante, a partir de seus sistemas de organização estrutural criados e aperfeiçoados dentro da sociedade. O capitalismo surge como uma forma de concentrar cada vez mais esse poder, transformando a sociedade em massas e individualizando/fragilizando cada vez mais as pessoas, os indivíduos. Parece contraditório, mas talvez a volta do poder coletivo – como ferramenta de transformação social – hoje passe por uma busca mais consciente da realização individual. De um maior empoderamento daqueles que historicamente foram mais subtraídos nos seus direitos individuais, por causa de decisões que se diziam ser realizadas em prol do coletivo, mas que no fundo não os representaram de forma plena. Pensar a utopia e transformar a realidade:

Utopia não no sentido do inatingível, conquanto seja, mas na perspectiva de algo que se persegue para que, ato contínuo, se possa investir em um novo objetivo, mais ambicioso. (GONÇALVES, 2010, p. 16).

Somente com a realização das utopias individuais, dos “sonhos” das pessoas, poderemos resgatar a autoestima e estimular a criação de um indivíduo mais pensante, crítico e transformador.

Que a utopia individual possa ser aquela fagulha que pode provocar um incêndio que destruiria esta forma de organização arcaica, que ainda não pauta a felicidade individual na felicidade alheia.

O termo utopia individual é usado por vários autores em artigos jornalísticos e científicos, porém não há definições precisas sobre o mesmo. Por isto, para o uso neste trabalho, ousou definir “Utopia individual” como a forma do indivíduo sonhar, ou melhor, planejar seu futuro e colocar os seus objetivos de forma bem clara, na sua busca de melhorar a vida, na eterna procura pela tal felicidade.

5 EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

Antes de analisarmos os dados colhidos é importante refletirmos sobre a qualidade transformadora da educação que buscada neste trabalho.

A educação possui objetivos diversos e muitas vezes divergentes, mas quando os indivíduos colocam a educação como uma das ferramentas necessárias para realizar seus sonhos é possível acreditar que pode haver uma sociedade mais reflexiva.

Conforme vimos anteriormente a EJA surgiu nossa sociedade com uma proposta de transformação, visando suprir demandas educacionais, pois a educação que foi negada as classes menos favorecidas foi sendo retomada aos poucos, mas com algumas restrições.

Mas como a EJA pode representar a realização das utopias individuais, dos sonhos futuros nos dias de hoje, onde as pessoas têm de lidar com necessidades imediatas que se impõe?

O futuro se distancia e, conseqüentemente, o presente se amplia. Uma coisa é estudar para o futuro e outra coisa é preparar-se para sobreviver num presente esticado, sempre esticado, sem horizontes de futuro. Isso nos obriga a mudar os nossos discursos em relação a educação. Até da EJA. Esta tende a apresentar-se aos jovens-adultos como a última porta para o futuro (ARROYO, 2007, p. 8).

Até mesmo os setores mais reacionários de nossa conservadora sociedade estão mais sensíveis às necessidades dessas classes menos favorecidas, pois os reflexos destas carências repercutem na vida de todos.

A relutância em proporcionar oportunidades educacionais adequadas e igualitárias é ainda menos justificável e convincente que a relutância em levar adiante propostas para uma maior igualdade de renda. Oportunidades educacionais mais amplas propiciam um retorno para a comunidade incomparavelmente mais que o seu custo. O seu valor consiste essencialmente em aprofundar e refinar a transmissão de nossa herança cultural. A ampla participação das pessoas na vida cultural inevitavelmente resulta no encorajamento, na remoção do complexo de inferioridade que é cuidadosamente instilado no assim chamado homem 'comum' em sociedades autoritárias e plutocráticas (MANNHEIM *apud* FORACHHI, 1982, pp. 160-161).

Mas como é salientado por Mannheim (1982) não podemos depositar todas as nossas esperanças na Educação, como solução de todos os problemas, pois as

escolas fazem parte da sociedade e os problemas desta refletem nela. Sem uma maior igualdade na distribuição da renda e dos direitos não há como a sociedade se transformar em algo melhor. Esta reflexão é retomada por Mészáros (2005), quando o autor destaca que:

Uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudança (MÉSZÁROS, 2005, p. 25)

Um reflexo inegável desta preocupação com a maior oferta educacional é o sistema EJA. Essa modalidade de Ensino de Jovens e Adultos tem a proposta de resgatar a dignidade àquelas pessoas que por algum motivo não tiveram oportunidade de estudar na idade adequada, o que é uma grande conquista democrática. Porém falsos discursos de universalização de acesso e democratização de oportunidades servem para deixar clara a divisão de classes, através de uma divisão social do trabalho (cf. RUMMERT, 2008, p. 176)

A educação pode sim colaborar com a melhoria de condições de acesso as oportunidades a maior parte dos cidadãos, mas este é um processo árduo que é necessário investimentos significativos e uma mudança de postura daquela pequena parcela que determina a maior parte das decisões em nossa sociedade. Porém:

não surpreende, portanto, que mesmo as mais nobres utopias educacionais, anteriormente formuladas do ponto de vista do capital, tivessem de permanecer estritamente dentro dos limites da perpetuação do domínio do capital como modo de reprodução social metabólica (MÉSZÁROS, 2005, p. 26).

Esses questionamentos levam a refletir se não é uma hipocrisia muito grande (presente em muitos discursos políticos) delegar somente à educação a transformação e melhoria de uma sociedade. A Escola não é uma bolha intocável, ela reflete a sociedade, e todos os problemas sociais irão ecoar nela. Por isto as conquistas sociais são processos políticos que tem de acontecer através embates com grupos organizados reivindicando seus direitos, isto deve acontecer em vários setores da sociedade, inclusive na Escola.

Com esta breve reflexão sobre este tema tão complexo foi possível expor que este trabalho não tem uma visão ingênua sobre o caráter transformador da educação. Sendo assim salientamos nesta pesquisa que é inegável o caráter transformador da educação para o indivíduo na realização de suas utopias individuais, mas no caso de uma transformação social mais profunda são necessários vários outros fatores (como melhor distribuição de renda, leis e políticas mais igualitárias, maior participação popular no processo decisório, justiça imparcial etc.) para que a educação participe efetivamente desse processo.

6 BREVE HISTÓRICO SOBRE EJA NO BRASIL

O desenvolvimento da educação de jovens e adultos no Brasil compreende o período inicial de sua colonização no século XVI com os jesuítas através da Companhia de Jesus e se estende aos dias atuais com políticas públicas para “erradicação” do analfabetismo, como o Bolsa Escola ou Bolsa Família.

Os jesuítas, após o descobrimento do Brasil, ofertaram inicialmente a educação formal à aristocracia, pois sua missão consistia em amparar espiritualmente os colonos e catequizar os índios.

Com a expulsão dos religiosos da Companhia de Jesus em 1759, seguiu-se um longo período sem oferta de ensino no Brasil colonial. Em 1808, com a instalação da família real no Brasil, são criadas faculdades ofertando cursos profissionais como medicina, economia, química, agricultura entre outros, porém, o vazio educacional após a saída dos jesuítas permanece.

6.1 EJA PÓS-INDEPENDÊNCIA

Em 1822, o governo implantou o sistema monitorial no Exército a fim de alfabetizar os soldados. Esse sistema consistia em mestres supervisionar tutores laborais da alfabetização, com o intuito de promover o ensino em massa.

Na constituição de 1824, reflete-se a discussão da elite brasileira sobre a instrução formal no país, com regulamentação do ensino primário público em 1827. Contudo, sem se concretizar a legislação federal, em 1834 a regulamentação e a implementação do ensino gratuito primário e médio são transferidas para as províncias, ficando a cargo do Governo Federal o ensino de nível superior bem como o ensino geral na Capital.

Em 1837, D. Pedro fundou o Colégio Pedro II, uma instituição elitizada como modelo aos demais colégios brasileiros.

6.2 EJA NO BRASIL REPUBLICANO

No contexto da Proclamação da República em 1889, o ensino público é estendido aos filhos dos operários, imigrantes e ex-escravos apesar de sua deficiente estrutura e profissional que inclusive, mal remunerado.

Com a reforma educacional de 1891, de Benjamin Constant, inicia-se o processo de ensino laico em todos os níveis com o objetivo de formar intelectualmente os jovens fora do contexto religioso; herança do período colonial. Contudo, o sistema educacional brasileiro encerra-se da mesma maneira como começou no século XIX: ineficiente. No censo de 1900, 65,1% dos brasileiros acima de 15 anos eram analfabetos.

Na década de 1920, surgem as primeiras universidades brasileiras, propiciando o conhecimento científico que serviria também aos aparatos estatais.

Em 1934, A Constituição Federal estabelece como dever do Estado assegurar a educação, desenvolvendo nesse período o PNE – Plano Nacional de Educação.

No período pós II Guerra, com o desenvolvimento industrial brasileiro, foram criados serviços para alfabetização e qualificação da mão de obra, como o SENAI – Serviço Nacional da Indústria e SENAC – Serviço Nacional do Comércio, que organizou escolas profissionalizantes por todo o país.

Em 1958, foi criada a Campanha Nacional para Erradicação do Analfabetismo, extinto em 1963 por falta de verbas.

A mobilização para alfabetização iniciada em meados dos anos 1950 e em expansão no início dos anos 1960, com adesão dos movimentos populares, que foi reprimida pelo governo militar a partir de 1964.

No governo militar, o enfrentamento do analfabetismo foi realizado com a implantação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) que apesar de um volumoso orçamento, findou-se em 1985 sem cumprir seu objetivo.

Na Constituinte de 1988, imprimiu-se o idealismo educacional que consiste em a União aplicar na educação 18% e os estados e municípios 25% do total da arrecadação

em impostos. No entanto, na aurora do século XXI o idealismo não suprimiu a realidade dos 5% aplicados pela União nesta nobre área.

Nos anos 90, refletem no Brasil as metas de organismos mundiais como a UNESCO.

No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, no Art. 87 instituiu a “Década da Educação, a iniciar-se um ano a partir da publicação desta Lei” e no parágrafo 1º determina a elaboração de um Plano Nacional de Educação (PNE), “com diretrizes e metas para os dez anos seguintes, em sintonia com a Declaração Mundial sobre “Educação para Todos”.

Apesar das controvérsias sobre a década da educação, atualmente, com o sistema de ensino público consolidado, embora apresente deficiências presentes desde de o Brasil Império, como a má remuneração dos professores e demais profissionais, o Brasil desenvolve políticas como o Bolsa Família (antigo Bolsa Escola), programa criado para conter a evasão escolar e conseqüentemente o aumento do analfabetismo, bem como, desde 2003, o Programa Brasil Alfabetizado (PBA).

6.3 O ENSINO NO BRASIL ALÉM DAS INICIATIVAS INSTITUCIONAIS

O histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil tem vários momentos, além das iniciativas institucionais que são mais difundidas existem várias outras que precisam ser lembradas. Uma destas relevantes experiências que vale a pena destacar é a Educação operária realizada em nosso país no fim do Século XIX e começo do XX. Criada pelo próprio movimento operário para suprir uma grande carência do saber por parte da sociedade da época. Quando os governos ainda não se preocupavam com a educação dos seus cidadãos, pelo contrário se beneficiavam com esta situação, pois o voto era limitado a uma minoria e os direitos dos trabalhadores eram quase inexistentes.

Como não existia mão de obra suficiente para tocar as indústrias que surgiam em nosso país foi incentivada a imigração. Italianos, espanhóis e portugueses, na sua maioria, vinham para nosso país à procura de uma vida melhor. Aconteciam nesta

época, na Europa, vários episódios que propagavam o socialismo, os quais se difundiam pelo mundo. Assim, os imigrantes que aqui chegavam traziam junto com suas bagagens estas ideias e elas eclodiram em várias iniciativas de alfabetização operária. Mesmo que os registros desta fase não sejam tão difundidos, estas intervenções existiram e foram muito significativas para a Educação Brasileira.

Inspirada nas ideias de vários autores, mas com destaque nos educadores Paul Robin, com um Programa de Ensino Integral; e Francisco Ferrer com a Escola Moderna, foram criados vários Centros de Estudo no Brasil, para alfabetizar os operários, que em sua grande maioria eram analfabetos, pois a partir dos sete anos de idade já começavam a trabalhar nas fábricas para ajudar suas famílias (cf. LUIZETTO, 1987).

Rodrigues (1988) aponta que no ano de 1895, no Rio Grande do Sul, nasce a Escola União Operária. Uma iniciativa pioneira que mereceu muita admiração. Em Santos, no ano de 1904, é fundada a Escola Sociedade Internacional, e na mesma cidade, em 1907, a Escola Noturna. Mas uma das mais arrojadas iniciativas do movimento anarquistas para a época foi a fundação da Universidade Popular, criada em 1904, no Rio de Janeiro. Que ministrava os cursos de Filosofia, Higiene, História Natural e Geografia, além dos cursos práticos como de línguas, aritmética, escrituração mercantil, desenho, modelagem, arte decorativa, mecânica, e conferências sobre temas e assuntos de interesse social. Cita também a Escola Libertária Germinal de São Paulo, em 1903, que seguia o método da Escola Moderna de Barcelona. Entre várias outras iniciativas que surgiram em todo país (cf. RODRIGUES, 1988, pp. 162-163)

Especificamente no Paraná, destacamos a experiência da Colônia Cecília, que em 1890, foi estabelecida em Palmas. Com base na filosofia anarquista, conseguiu lançar a semente de uma sociedade mais justa em nosso Paraná. Além das iniciativas de realizadas com o ensino de Jovens e Adultos daqueles que moravam na Colônia – militantes que vieram de várias partes do mundo (principalmente da Itália), inclusive alguns brasileiros - procurou difundir esta ideia de que Educação e Cultura era para todos (cf. RODRIGUES, 1988, pp. 94-98)

Assim o elemento libertário propagou mais instrução e cultura no seio da classe operária da época do que as iniciativas oficiais, dos governos, que agiam com base nos

impostos cobrados junto a todos aqueles trabalhadores. Apesar da grande importância destas iniciativas na alfabetização de jovens e adultos por todo Brasil jamais houve nenhum incentivo oficial, pelo contrário enfrentaram foi muita repressão e muitas Escolas foram fechadas, destruídas e aqueles que as estruturavam eram perseguidos, presos e até extraditados do país. Tanto o Governo como a Igreja lançaram campanhas difamatórias sobre a Educação Libertária, para justificar suas ações e continuar mantendo seu “poder de mando” a todo custo, mesmo que atrasando o desenvolvimento de todo um país, até hoje sem uma Educação sistemática e de qualidade para todos os seus cidadãos.

6.4 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO PARANÁ

A Educação de Jovens e Adultos no Estado do Paraná teve início com o ensino supletivo seriado da década de 1980, os Centros de Estudos Supletivos (CES), atualmente denominados Centros Estaduais de Educação Básica para Jovens e Adultos (CEEBJAs), e os Núcleos Avançados de Ensino Supletivo (NAES), descentralizando o atendimento da EJA nas diversas regiões do Estado.

Em continuidade a esta descentralização são criados os Postos Avançados dos CEEBJAs (PAC) e os Termos de Cooperação Técnica (TCT), convênios entre a Secretaria de Estado da Educação (SEED) com empresas e entidades públicas e privadas que desejassem escolarizar seus funcionários.

Na década de 1990, tiveram início os projetos de escolarização aos educandos em privação de liberdade nas unidades penitenciárias e nas unidades socioeducativas, na modalidade Educação de Jovens e Adultos. Também neste período, a Secretaria de Estado da Educação estabelece convênios com organizações não governamentais, visando à oferta de alfabetização de jovens e adultos no meio urbano, rural e indígena e a escolarização correspondente às séries iniciais do ensino fundamental.

Dentro desses marcos, a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (Fundef), Lei 9424/96, reveste-se

de peculiar importância, pois foi o mecanismo utilizado pelo governo federal para induzir e concretizar os processos de descentralização das ações e dos recursos da educação, bem como a focalização no Ensino Fundamental de crianças e adolescentes (cf. DI PIERRO, 2001).

Provocados pelas discussões que vinham acontecendo em todo o Brasil e aliado aos diversos segmentos sociais, o Paraná também fez a defesa da educação de jovens e adultos como política pública, sobretudo com a criação, em fevereiro de 2002, do Fórum Paranaense de EJA. Tal instância tornou mais forte a articulação das instituições governamentais, não governamentais, empresariais, acadêmicas e movimentos sociais, em reuniões plenárias regionais e nos Encontros Paranaenses de EJA (EPEJAs).

A busca pela ampliação do atendimento à escolarização da população jovem e adulta pelo estado se vincula às conquistas legais referendadas pela Constituição Federal de 1988, na qual a educação de jovens e adultos passa a ser reconhecida enquanto modalidade específica da educação básica, no conjunto das políticas educacionais brasileiras, estabelecendo-se o direito à educação gratuita para todos os indivíduos, inclusive aos que a ela não tiveram acesso na idade própria.

Em sintonia com o cenário brasileiro, no Paraná com 649.705 pessoas não alfabetizadas com 15 anos ou mais, o que representava, no ano 2000, 9,5% da população paranaense, distribuída em 7,5% na área urbana e 14,3% no campo (cf. IBGE, 2000).

Em se tratando de política de alfabetização de jovens e adultos, a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR), entre 1993 e 2003, financiou ações de alfabetização em parceria com Organizações Não governamentais (ONGs) e a partir de 2004 criou o Programa Paraná Alfabetizado, com política pública de EJA articulada à continuidade da escolarização, na Rede Estadual de Educação.

Em um processo de discussão que envolveu professores, coordenações dos Núcleos Regionais de Educação e da SEED/PR, direções, pedagogos e educandos da EJA de todo o Estado, resultou na elaboração das Diretrizes Curriculares Estaduais de EJA, na sua versão preliminar, e o Documento Orientador para a Elaboração da Proposta Pedagógico-Curricular da Educação de Jovens e Adultos.

O processo de discussão tomou por referência o atendimento ao perfil dos educandos jovens, adultos e idosos e avaliou que as propostas pedagógico curriculares de EJA desenvolvidas até 2005, possibilitaram parcialmente aos educandos/trabalhadores a flexibilização de horários e de organização do tempo escolar correspondente às suas necessidades e expectativas, dificultando a permanência e o êxito na apropriação dos saberes, negados ao longo de sua história de vida.

Segundo as diretrizes curriculares da EJA (PARANÁ, 2006) os cursos para jovens e adultos ofertados pelo Departamento de Educação de Jovens e Adultos (DEJA), órgão vinculado à SEED/PR, até 2005 se organizavam nas formas presencial e semipresencial. Os cursos presenciais por etapas, na Rede Pública Estadual, eram ofertados exclusivamente no período noturno, na Fase II do Ensino Fundamental. No Nível Médio, eram divididos em quatro etapas, cada uma com a duração de um semestre. Por sua vez, a matrícula era feita por etapa, com avaliação no processo. Essa organização curricular está em gradual processo de cessação.

Os cursos semipresenciais eram ofertados, exclusivamente, pelos CEEBJAs, no Ensino Fundamental fase I e fase II e do Ensino Médio, com matrícula por disciplina, organizados em momentos presenciais e não presenciais, sendo 30% da carga horária total do curso na forma presencial e 70% não presencial.

Nas diretrizes curriculares da EJA (PARANÁ, 2006) também vale destacar que a proposta pedagógico-curricular, vigente a partir de 2006, contempla cem por cento da carga horária total na forma presencial (1200h ou 1440h/a), com avaliação no processo. A matrícula do educando é feita por disciplina e pode se dar na organização coletiva ou individual. A organização coletiva se destina, preferencialmente, aos que podem frequentar com regularidade as aulas, a partir de um cronograma pré-estabelecido.

A organização individual destina-se, de preferência, aos que não podem frequentar com regularidade as aulas, como por exemplo, um caminhoneiro ou um trabalhador que troca de turno ou um trabalhador rural que precisa, para voltar a estudar, conciliar os ciclos de plantio e de colheita com a escolarização.

Ainda segundo as diretrizes curriculares da EJA (PARANÁ, 2006), os conteúdos estruturantes da Educação de Jovens e Adultos são os mesmos do ensino regular, nos

níveis Fundamental e Médio; porém, com encaminhamento metodológico diferenciado, considerando as especificidades dos(as) educandos(as) da EJA; ou seja, o tempo curricular, ainda que diferente do estabelecido para o ensino regular, contempla o mesmo conteúdo. Isso se deve ao fato de que o público adulto possui uma bagagem cultural e de conhecimentos adquiridos em outras instâncias sociais, uma vez que a escola não é o único espaço de produção e socialização de saberes. Assim, é possível tratar do mesmo conteúdo de formas e em tempos diferenciados, tendo em vista as experiências e trajetórias de vida dos educandos da EJA.

7 METODOLOGIA

Para melhor visualizar algumas das características do objeto estudado é necessário discorrer brevemente sobre quem é este aluno de EJA.

Com uma experiência pessoal vivida com a EJA e os estudos no decorrer desta especialização, foi possível refletir que essa modalidade de ensino requer um cuidado muito especial, pois é um grupo de alunos diversificado e com algumas particularidades.

A EJA tende a configurar-se, cada vez mais, como um projeto de educação popular dos jovens e adultos jogados à margem. Daí, podemos tirar uma conclusão: a EJA continua tendo sentido enquanto política afirmativa desse coletivo cada vez mais vulnerável. Não poderá ser diluída em políticas generalistas. Em tempos em que essa configuração dos jovens e adultos populares em vez de se diluir está se demarcando, cada vez com mais força, a EJA tem de assumir-se como uma política afirmativa com uma marca e direção específica. (ARROYO, 2007, p. 7)

Como exemplo dessa particularidade do aluno de EJA citamos: a faixa etária dos alunos da EJA (que varia muito), os motivos que fizeram com que cada um interrompesse e voltasse aos estudos, o conhecimento de mundo que estas pessoas levam para a sala de aula (muito superior ao das crianças matriculadas no ensino regular), um a visão de escola construída em um passado (muitas vezes) distante. Enfim são várias características do aluno de EJA e com a nossa pesquisa iremos demonstrar algumas.

Outra destas particularidades da EJA que não pode ser deixada de lado é que ela é uma consequência da uma Educação regular que não vem ao encontro das necessidades das crianças e das famílias brasileiras. Mesmo assim, a necessidade do mercado de trabalho leva os cidadão a buscarem maior qualificação. É inegável que a busca por tornar-se uma mão de obra mais qualificada, é uma das utopias individuais que levam o aluno para EJA, pois na sociedade de hoje mesmo para aquele serviço considerado simples e por isso mal remunerado, que requer alguma qualificação, é necessário uma instrução mínima, pelo menos ler e escrever.

Mas esta educação é dada em gotas e não deve ultrapassar alguns limites, ao ponto de não ser suficiente para criar cidadãos mais reflexivos e difíceis de controlar:

Uma vez que a simples negação do direito à educação deixa de ser funcional às novas exigências do padrão de acumulação, e não sendo, também mais sustentável em termos de construção e manutenção da hegemonia, surgem novas estratégias de perpetuação da dualidade no âmbito educacional. Especificamente no que se refere à elevação da escolaridade dos jovens e adultos trabalhadores, surge no País na década atual, mas precisamente a partir de 2003, uma variedade de ofertas de oportunidades de certificação que correspondem, no mais das vezes, a simulacros de ações (RUMMERT, 2008, p. 180)

A proposta desde o início era só alfabetizar, mas exigências do mercado de hoje pedem um pouco mais. Só que essa proposta educacional é para a maioria um engodo, apenas migalhas, para um povo faminto do pão chamado conhecimento.

Mas essas pessoas não são simplesmente uma massa amorfa como gostariam, eles criaram seus mecanismos de defesa e suas formas de sobrevivência. Possuem seus saberes moldados na experiência de vida, que a academia, quando despida de preconceitos, aprendeu a valorizar e estudá-los. A própria cultura popular é muito rica e capaz de resistir à homogeneização da cultura de massas.

O que se pode fazer ao falar em cultura de uma classe social é procurar localizar os núcleos mais importantes de sua existência, procurando a expressão cultural deles. (SANTOS, 1985, p. 65)

A metodologia adotada deve procurar conhecer um pouco melhor esses indivíduos que foram expropriados de um de seus direitos mais básicos, como a educação, direito esse capaz até de mudar a sua vida e, como acontece com vários outros cidadãos, interfere em toda a estrutura da sociedade. Pois o consumo, o voto (os representantes que escolhe), a capacidade de articulação, a visão de mundo enfim, vários determinantes da vida de um indivíduo são influenciados pela qualidade da educação que lhe foi oferecida.

Por isso este estudo requer uma pesquisa de campo, pois ela é uma técnica que procura deixar o pesquisador bem próximo a seu objeto de estudo e poder analisá-lo de forma mais direta. Além disso, foi utilizado um questionário (apêndice A), como

instrumento de pesquisa. Ele tem como objetivo de reunir dados a partir da resposta direta dos alunos da EJA, o que permitirá uma análise baseada em informações mais atualizadas.

Para tanto, buscou-se uma escola que além de ofertar a EJA pudesse ter algum apoio da equipe pedagógica para a aplicação do questionário, sem atrapalhar a rotina da escola. Como uma colega do curso trabalha em um colégio que tinha EJA, contamos com sua ajuda para que me apresentasse aos pedagogos para realizar esta coleta de dados da melhor forma possível.

A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Professor João Rodrigues da Silva, localizado na Rua Jurema, número 229, Conjunto Antares, região leste da cidade de Londrina. No Projeto Político Pedagógico (PPP) do colégio consta o perfil da comunidade atendida pela instituição. Basicamente atende a uma clientela de classe socioeconômica pobre, mesclada com classe média baixa, que moram em casa própria. Muitos têm carro, telefone, televisão, acesso ao cinema, shopping etc., com algumas exceções. A religião declarada pela maioria é a católica, mas existem muitos evangélicos. A maioria das famílias é composta por pai, mãe e dois filhos. As mães geralmente possuem uma maior escolaridade, onde a maioria concluiu o ensino médio, enquanto a maioria dos pais declarou-se com ensino fundamental incompleto (PPP, pp. 5-6).

O prédio conta com 1.288,40 m² de área construída e tem dez salas de aula, além de biblioteca, laboratório de informática, cozinha, despensa, refeitório, cantina comercial, secretaria, sala de professores, sala de direção, sala de supervisão, sala de orientação, quadra de esportes, banheiros masculino e feminino. A Instituição oferta ensino fundamental, do 5º ao 9º ano, nos turnos matutino e vespertino, num total de dez turmas no período da manhã, dez turmas à tarde e a noite na EJA, onde as salas são utilizadas conforme um cronograma próprio. (PPP, p. 7)

Até 2005, a EJA funcionou nesse estabelecimento de ensino com convênio do CEEBJA-UEL. Em meados de 2009, com o encerramento desse convênio, a escola assume sozinha a EJA. A maioria dos professores que atuam na EJA não é concursada, são contratados pelo Processo Seletivo Simplificado (PSS) (cf. PPP, p. 6).

Na EJA são oferecidos o Ensino Fundamental, segunda fase (equivalente ao 5º ano ao 9º ano do ensino regular) que será chamado neste trabalho de “**séries iniciais**”, e o Ensino Médio, que aqui será chamado de “**séries finais**”.

Na elaboração do questionário foi sugerida a colocação de questões quantitativas e outras qualitativas, para enriquecer o trabalho com dados mais aprofundados.

A Pesquisa Quantitativa aplica-se à dimensão mensurável da realidade, origina-se na visão newtoniana dos fenômenos e transita com eficácia na horizontalidade dos extratos mais densos e materiais da Realidade. Seus resultados auxiliam o planejamento de ações coletivas e produz resultados passíveis de generalização, principalmente quando as populações pesquisadas representam com fidelidade o coletivo.(...) A Pesquisa Qualitativa parece ter vocação para mergulhar na profundidade dos fenômenos. Faz isto de forma compreensiva, abrindo-se para apreender a egrégora informacional subjacente ao fenômeno, leva em conta toda a sua complexidade e particularidade (BIGNARDI, 2003, p.2).

Ao responder ao questionário, os entrevistados não precisaram preencher seus nomes, para que com seu anonimato se sentissem mais à vontade para respondê-lo. As perguntas visam formar um perfil socioeconômico básico, para conhecer melhor o entrevistado e também perguntas que mostrassem um pouco de sua vida escolar. Outras perguntas foram formuladas buscando especificamente o objetivo de conhecer as utopias individuais que levaram o aluno a retomar seus estudos. Para facilitar o entendimento usamos um vocabulário bem simples, e como o conceito “utopia individual” necessitaria ser explicado a todos e ainda poderia ser mal compreendido optamos pelo uso da palavra “sonho”, que tem um dos seus significados utopia. (cf. BUENO, 1996).

Para a realização destes estudos dividiu-se a aplicação dos questionários em dois grupos: **Séries Iniciais**, que representam os alunos de EJA que realizam a fase dois do ensino fundamental e as **Séries finais**, dos alunos do ensino médio que estão em vias de concluir o curso de EJA. Os dois grupos, Séries Iniciais e Séries Finais são distintos e foram analisados na mesma época. Seria muito interessante estudar um grupo das Séries Iniciais até chegar as Séries finais, mas como isto vai além das limitações deste trabalho, procurou-se estudar os dois grupos mesmo que diversos, e

analisar estas diferenças e semelhanças diante de sua trajetória na EJA. O questionário contém as mesmas perguntas, tanto para as séries iniciais quanto para as séries finais, para analisar os grupos separados e poder detectar estas utopias individuais e suas possíveis variantes.

A aplicação do questionário foi realizada em dois dias no referido colégio. Fui apresentado à pedagoga que já sabia que iria realizar a pesquisa naqueles dias. Procurou no horário as turmas que não estivessem fazendo provas ou trabalhos e me levou a sala. Consultamos os professores das mesmas se poderíamos realizar a pesquisa sem atrapalhar sua aula. Expliquei a todos que era um aluno de especialização da EJA da UTFPR e convidei os alunos a responderem o questionário, todos se prontificavam a responder. Enquanto isto conversava com os professores informalmente, para ver a qualificação dos mesmos e em linhas gerais o que achavam de dar aulas para o EJA, todos os professores têm no mínimo uma especialização, em áreas diversas, e uma professora estava concluindo o mestrado. A paixão por dar aulas aos alunos de EJA foi demonstrada por todos. Segundo eles, essa modalidade de educação atende um aluno diferenciado, a maioria é muito interessada em aprender.

Porém um questionário escrito tem suas desvantagens, as questões que tinham alternativas para marcar foram todas respondidas, mas aquelas que exigiam uma maior capacidade de interpretação e discorrer sobre isto na resposta não gerou um conteúdo tão rico como gostaríamos. A maioria procurou responder de forma rápida, para talvez retomar suas atividades. Foram aplicados vinte e oito questionários ao todo, sendo que destes dezessete respondidos por alunos das séries iniciais (ensino fundamental) e onze para os alunos que estão nas séries finais (ensino médio). Mesmo assim notou-se que todos expressavam, com palavras e atitudes, um grande orgulho de estarem estudando novamente, um brilho nos olhos que só explica com os objetivos de cada um exteriorizados nos dados fornecidos através do questionário.

8 RESULTADOS

8.1 SÉRIES INICIAIS EJA

Os dados que apresentamos a seguir foram adquiridos por meio de uma pesquisa realizada com um questionário aplicado no Colégio Estadual Professor João Rodrigues da Silva EFM, no mês de junho do ano de 2013. Os dados foram coletados em duas fases da EJA, inicial e final.

Questão número 1 (a).

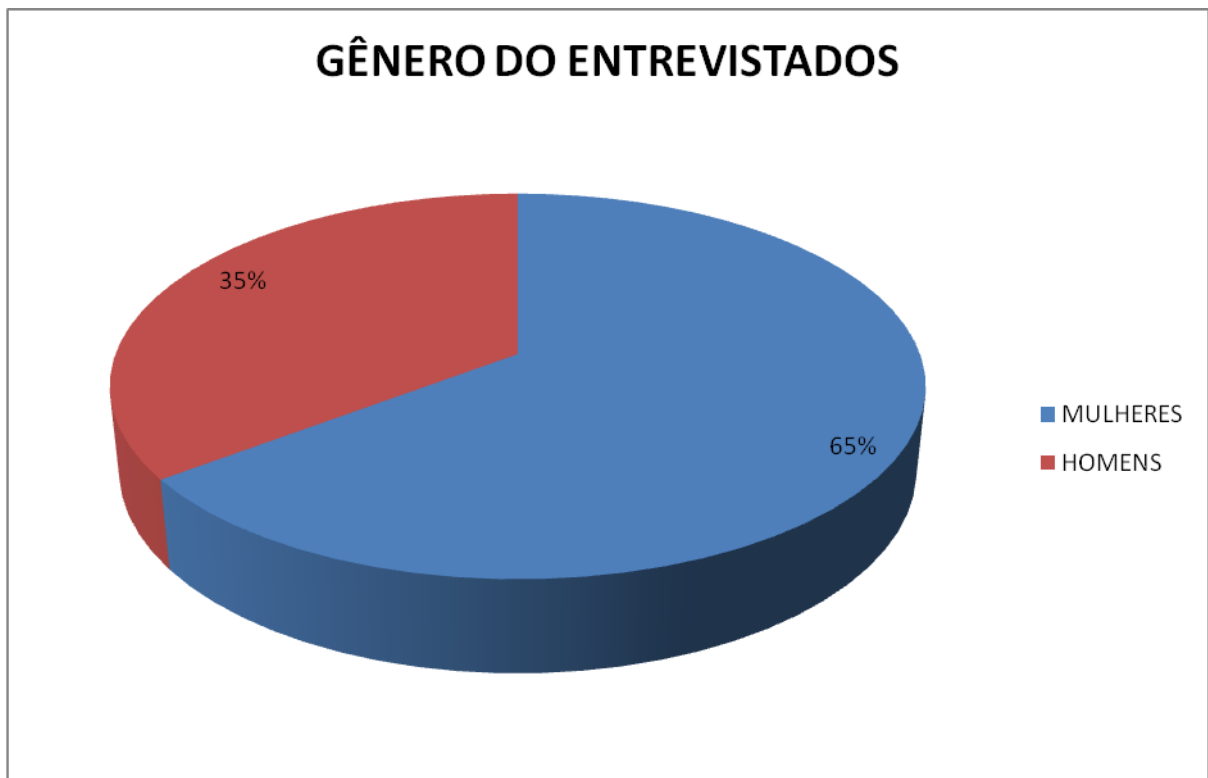


Gráfico 01- Questão 1(a): GÊNERO DOS ENTREVISTADOS

A primeira questão mostrou-nos como as mulheres são maioria em relação aos homens. O que nos leva a uma reflexão de o quanto as mulheres estão procurando se capacitar cada vez mais e buscar espaço no mercado de trabalho, que infelizmente

ainda tem uma característica patriarcal, dando preferências aos homens, com os melhores cargos e diferença de salários.

Esta reflexão corrobora com o que podemos ver na história brasileira que demonstra um domínio patriarcal muito grande e a repressão aos direitos das mulheres, que ecoa desde nossa colonização:

Os primeiros patriarcas brasileiros, portanto, procuraram restringir, do modo mais autoritário possível, a liberdade de suas esposas e filhas, que eles viam como propriedades suas. Essas mulheres, como as mulheres da Grécia clássica, ficavam presas nas camarinhas, réplicas do gineceu helênico. Não podiam sair nem mesmo para fazer compras. O único momento em que podiam romper em parte com sua clausura era o da missa, pois os outros serviços religiosos podiam ser exercidos em capelas e oratórios no interior da casa. (LEAL, 1995, p.197-198).

Questão número 1 (b).

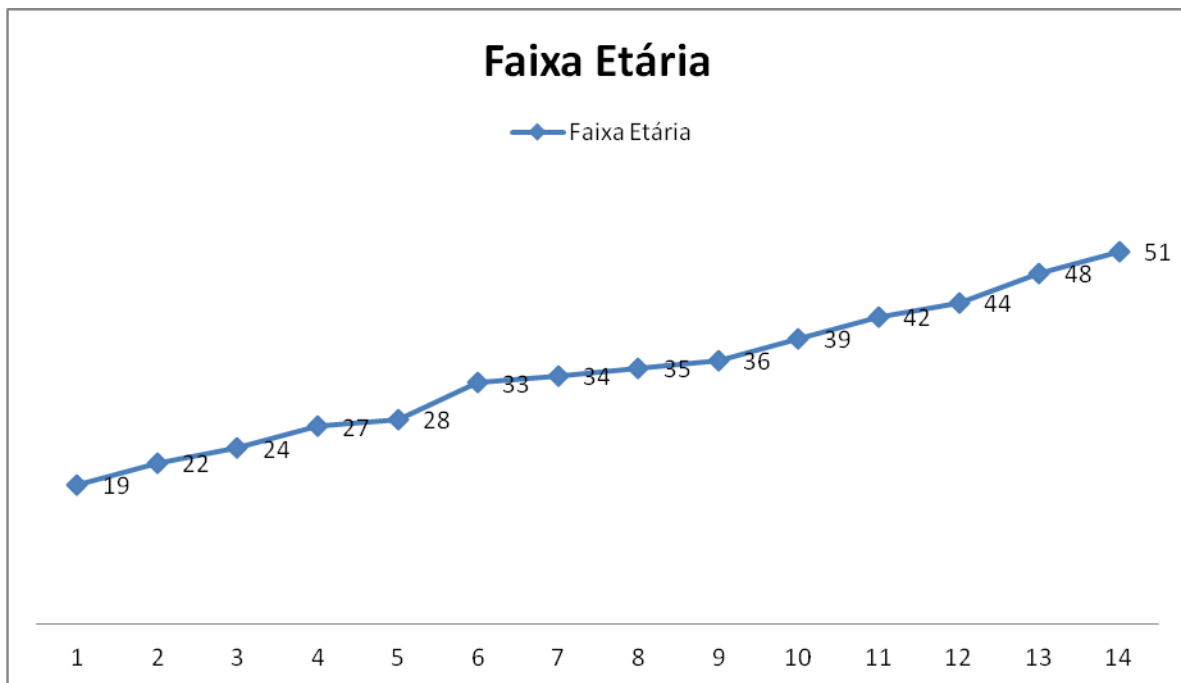


Gráfico 02- Questão 1(b): FAIXA ETÁRIA

Este estilo de gráfico ajuda a demonstrar como é diversificada a faixa etária dos entrevistados, somente as idades de “quarenta e quatro”, “trinta e seis” e “trinta e quatro” anos se repetiram, junto aos dezessete colaboradores desse grupo. A maior

parte das pessoas tem entre trinta a cinquenta anos, porém algumas pessoas jovens vêm ingressando na EJA.

Adolescentes de 15 a 17 anos, 1.539.811 estão fora da escola (UNICEF, 2012). Dados preocupantes que necessitam de grande empenho social para reverter este problema

Questão 1(c):

Todos se declararam moradores de Londrina.

Questão número 2.

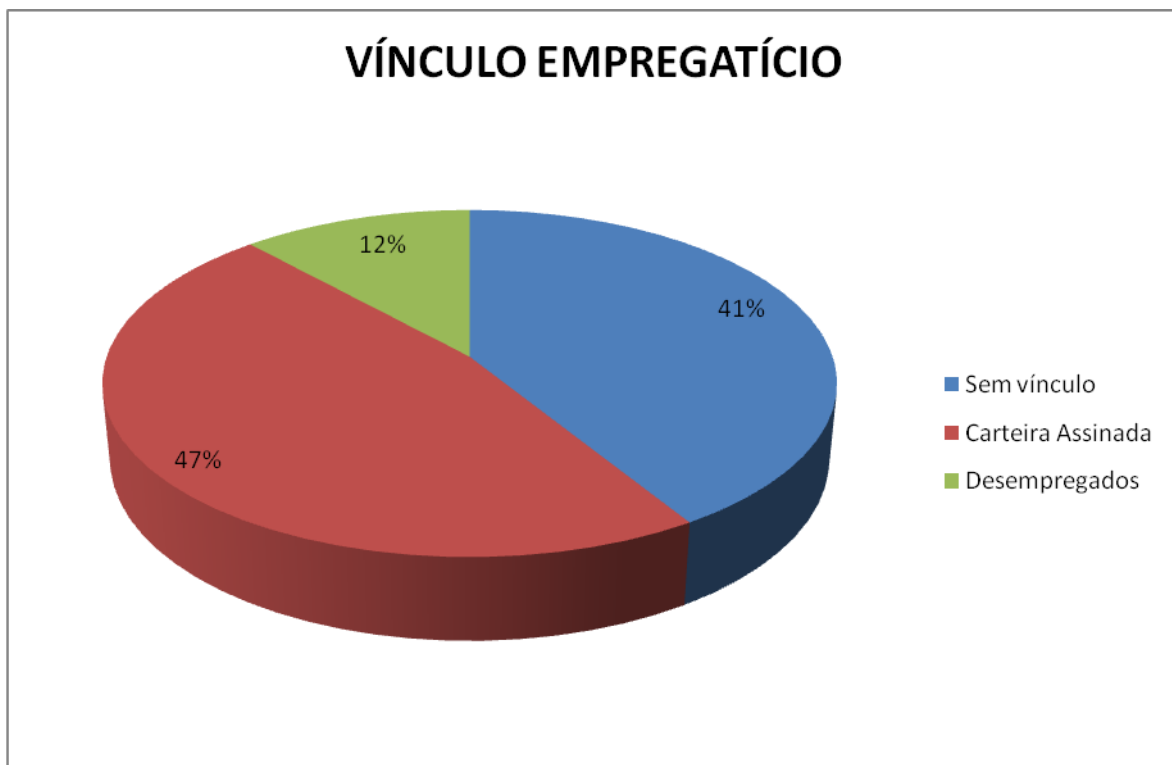


Gráfico 03- Questão 2: VÍNCULO EMPREGATÍCIO

Neste caso vemos que nem a metade dos entrevistados encontra-se com carteira assinada. Os dados acima nos fazem refletir se devido à pouca escolaridade e qualificação a maioria destes está subempregados, relegados a trabalhos temporários

ou em microempreendimentos, sem a devida formalização. Além de 12% estarem desempregados. A retomada dos estudos certamente é uma busca de maior capacitação por exigência do mercado de trabalho, mas seria esta a única determinante?

Quando classificamos 41% sem vínculo, nos referimos ao trabalho informal, que é uma alternativa para 44% (IBGE, 2011) dos brasileiros. Desses muitos podem ser pequenos empreendedores, mas muitos se submetem a patrões que burlam as leis para não garantir os devidos direitos aos trabalhadores.

Como falar em democracia vendo dados tão desiguais como estes? Nem o registro em carteira é garantido por lei é dado aos trabalhadores...

O sistema capitalista criou várias ideologias que visam a sua perpetuação, entre elas a meritocracia, que visa justificar as desigualdades devido a uma suposta maior capacidade de uns e menor de outros. Por isto os meios de comunicação e a sociedade em geral costumam sempre destacar quando um membro das classes mais baixas consegue êxito profissional, educacional, nos esportes, artes, ou de outras formas. Deixando sempre aquela mensagem “se ele conseguiu porque você não consegue?”. Delegando ao indivíduo a responsabilidade total sobre seu futuro, e se hoje ele tem suas limitações monetárias, de emprego e educacionais a culpa é somente dele. “Ideologizado pela sociedade, assumiu que é o culpado pela situação indesejável em que vive e que quer superar. Se tivesse estudo não estaria assim”. (CARLOS; BARRETO, 2006, p. 65).

Questão número 3.

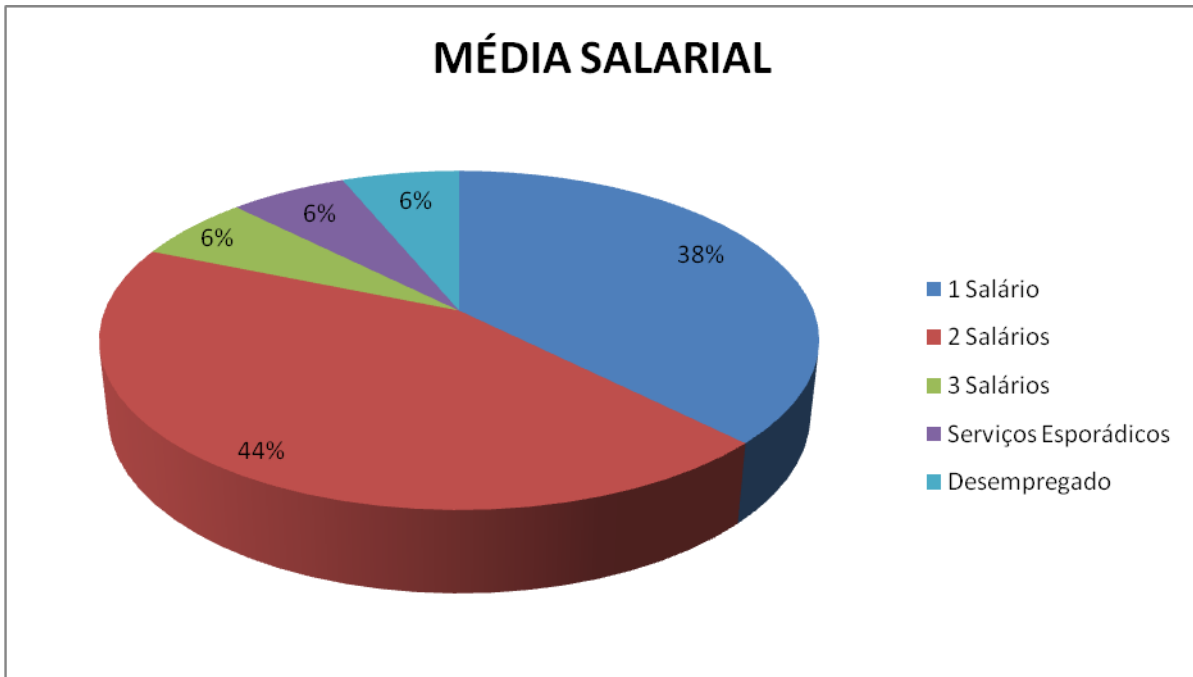


Gráfico 04- Questão 3: MÉDIA SALARIAL

Primeiramente o salário mínimo atual é de 678 reais.

A média salarial revela que a grande maioria (44%) dos entrevistados recebe dois salários mínimos, muitos (38%) recebem apenas um salário, apenas 6% recebem três salários mínimos, o que também é muito pouco para satisfazer as necessidades básicas, como transporte, moradia, alimentação e educação. Por isto, como veremos nas respostas as questões cinco e 11, que a retomada dos estudos é a maneira encontrada por estes cidadãos para transformar esta dura realidade, pois de acordo com a meritocracia quanto maior a escolaridade maior é a renda dos indivíduos:

Considerando-se que os fatores de produção são remunerados conforme sua produtividade marginal, então, à medida que o nível educacional de um indivíduo aumenta, sua renda também aumenta, uma vez que a educação eleva a produtividade deste indivíduo. Assim sendo, se produtividade do trabalhador, bem como sua renda, crescem à medida que ele eleva seu nível educacional (FRANÇA, 2005, p. 8).

Questão número 4.

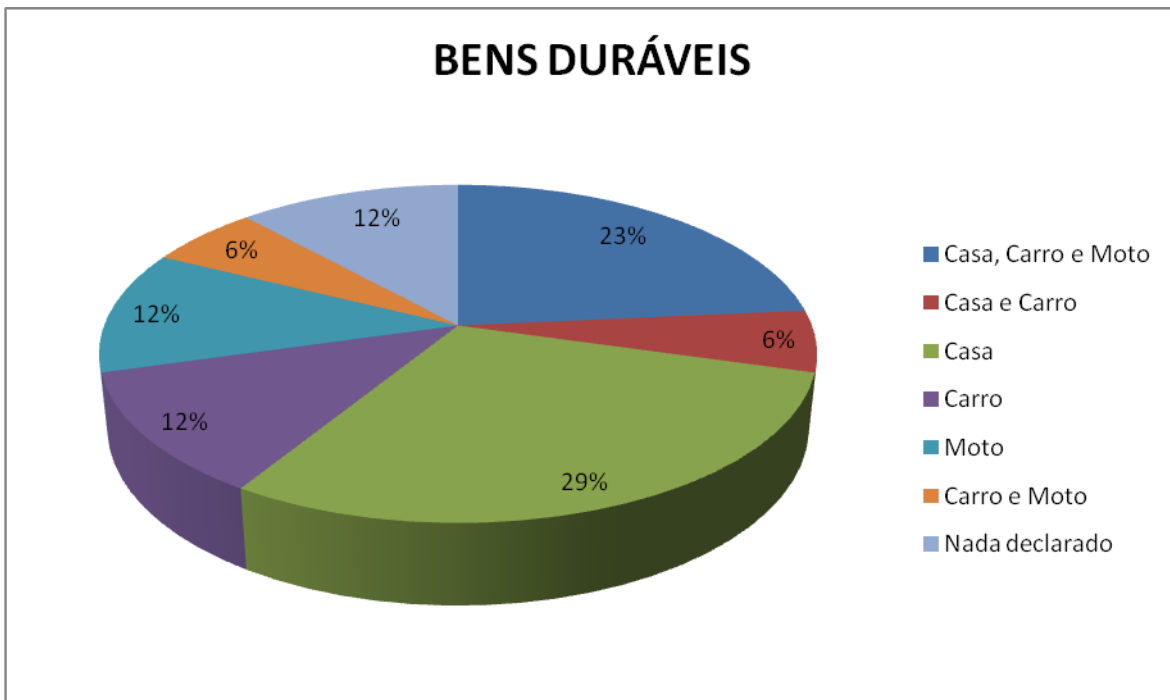


Gráfico 05- Questão 4: BENS DURÁVEIS

Um dado muito importante na análise de bens duráveis dos entrevistados, é poder constatar que a maioria, 58%, possui casa própria, o que para muitos foi a realização de um grande sonho (como veremos em resposta a questão 8). Esses dados ajudam a refletir sobre nossa hipótese, de que as utopias individuais fazem com que os alunos de EJA retomem os estudos, mas quais são elas? Pois como pudemos visualizar grande parte destes alunos já possuem conquistas de bens materiais muito importantes, como casa própria e veículo, mesmo sem ter essa escolarização idealizada.

Questão número 5.

Nesta questão, os alunos foram instigados a refletir acerca dos motivos que os levaram a retomar os estudos. Na maioria das respostas os entrevistados fizeram referência à qualificação para o mercado de trabalho, outros têm como objetivo cursar uma universidade, o incentivo dos amigos também foi citado, assim com um requisito

necessário para elevação no trabalho, mas de todas as respostas uma que chamou a atenção foi a que disse que o estudo “fazia falta”.

A maioria das respostas enalteceu a importância da Educação, dos estudos para a realização dos sonhos, e para melhorar a qualidade de vida.

Além disso, analisando as respostas dadas foi possível identificar uma clara tentativa de compensar “um tempo perdido”, uma forma de melhorar sua qualidade de vida, de “corrigir um erro”, ou melhor, de dar uma segunda chance a si mesmo.

“Porque os estudos é algo que ninguém tira de você, e é muito importante para a área de trabalho e na área pessoal também”.

“É um objetivo antigo, mas por falta de tempo por causa dos filhos só hoje é possível”.

“Voltei estudar para realizar meu sonho que é ser uma pessoa culta”.

Questão número 6 (A).

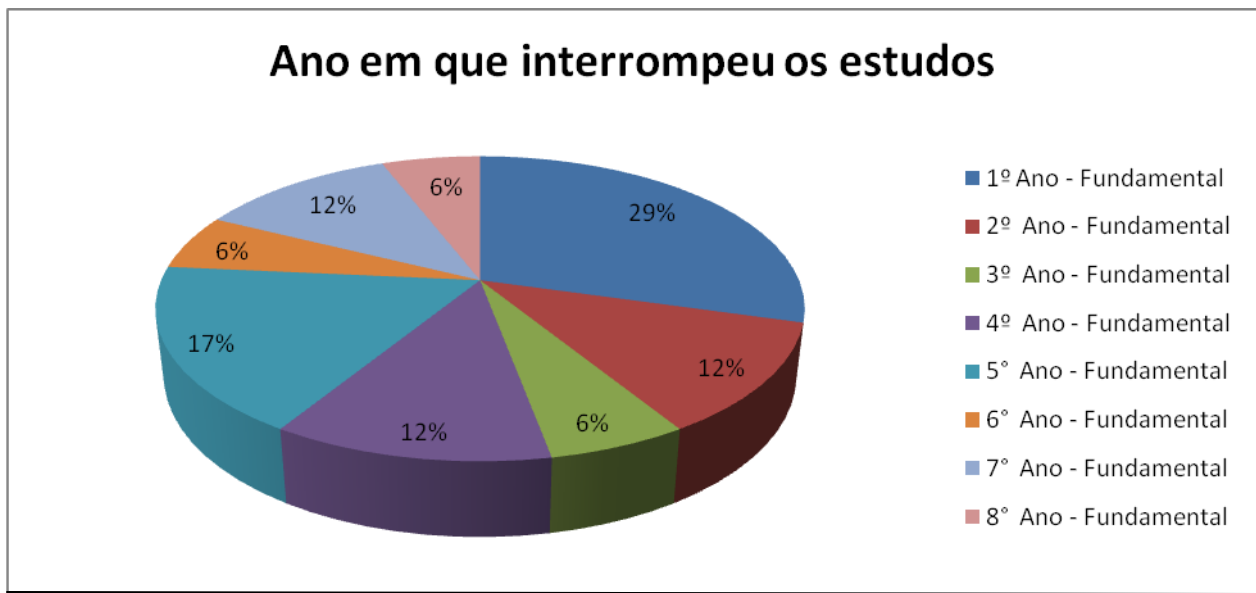


Gráfico 06- Questão 6(a): ANO QUE INTERROMPEU OS ESTUDOS

Questionados sobre a série em que interromperam os estudos a maioria, 59% respondeu as séries iniciais do ensino fundamental, e o restante declarou as fases finais do ensino fundamental.

Um desafio para aqueles que formulam as diretrizes educacionais brasileiras é reduzir cada vez mais a interrupção dos estudos. Porém este problema é mais complexo, pois aqueles que interrompem os estudos, no ensino regular ou na própria EJA, tem ainda a utopia individual de retomá-los algum dia:

devemos procurar outro termo para designar o educando, que para temporariamente de estudar, pois a evasão não é capaz de fazer justiça, já que essas pessoas, em sua maioria, tendem a voltar para a escola. Para se ter uma ideia da quantidade de pessoas desta modalidade, que se matricula constantemente, segundo a PNAD 2009, apenas 4,3 dos jovens e adultos concluíram o primeiro segmento do fundamental, o equivalente à 1ª/2ª e 3ª/4ª e 15,1%, o segundo da 5ª/6ª e 7ª/8ª. Desta forma, podemos concluir que não há uma evasão da EJA e sim uma interrupção, pois a maioria volta a estudar, o que não diminuir o processo de exclusão com que essas pessoas passam com a interrupção ou com evasão, mudar o nome não significa, mudar ou diminuir a exclusão que é. (SANTOS, 2009, p. 5)

Questão número 6 (B).

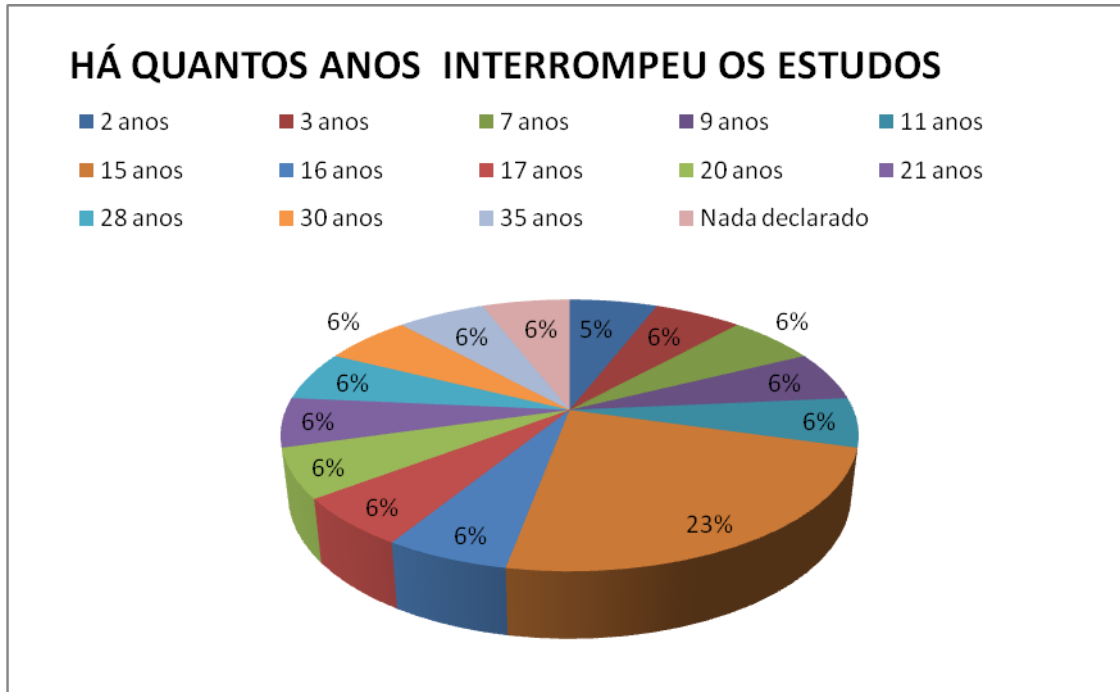


Gráfico 07- Questão 6(b): HÁ QUANTOS ANOS INTERROMPEU OS ESTUDOS

Sobre a quantidade de tempo que estes alunos ficaram longe dos estudos há uma grande variação, devido à faixa etária bem diversificada, conforme resposta a

questão 1B. Porém, alguns daqueles que declararam poucos anos longe dos estudos e possuem idade avançada que nos induz afirmar que não é a sua primeira tentativa de retomada nos estudos.

Logo, acredita-se que a EJA, por lidar com alunos de várias idades, e precisa conhecer suas utopias individuais, para auxiliá-los neste processo e diminuir a interrupção dos estudos:

é necessário que a escola esteja preparada para acolher este educando, analisando e trabalhando a partir de suas especificidades, com o objetivo de precaver-se ante uma provável interrupção, assim, é através da metodologia utilizada que a escola pode diminuí-la, pois, com as diferenças entre jovens e adultos, uma metodologia voltada para as necessidades dos dois públicos pode reverter este quadro, de forma que os educandos possam interagir e sentir como parte da escola. (SANTOS, 2009, p. 8)

Questão número 7.

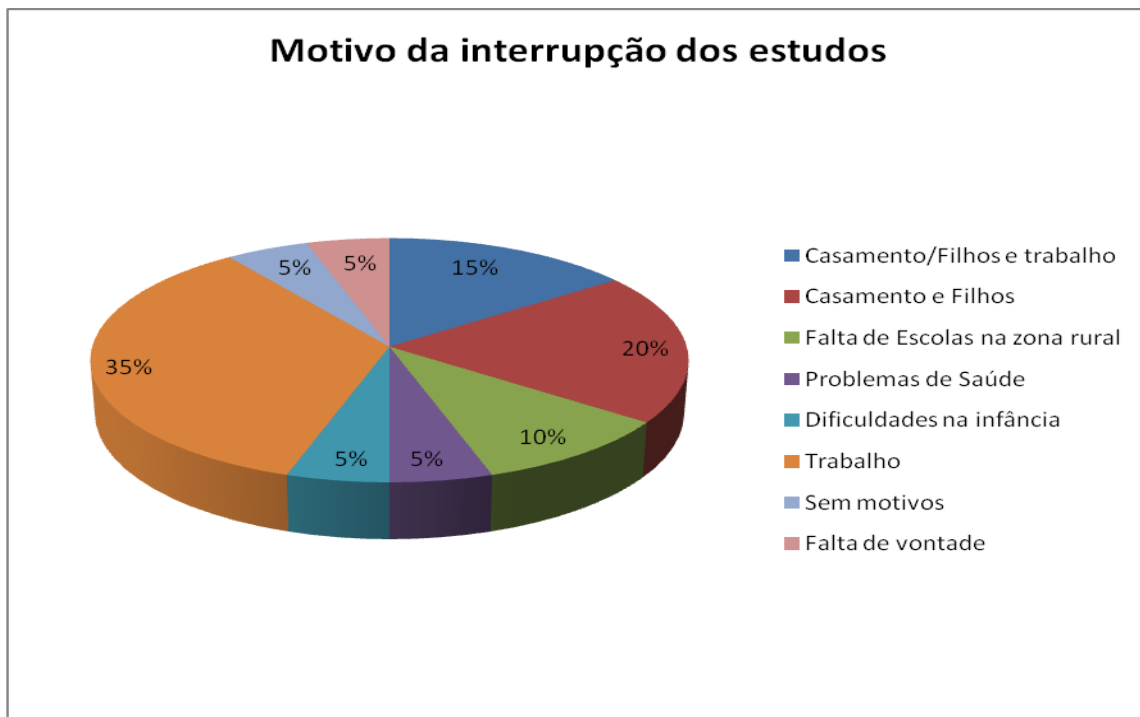


Gráfico 08- Questão 7: MOTIVOS PARA A INTERRUPÇÃO DOS ESTUDOS

Esta questão foi expositiva, procurou-se agrupar as respostas em categorias para facilitar sua análise e tabular os dados. Quanto aos motivos para a interrupção dos

estudos, as respostas foram diversificadas. Para os homens a maioria alegou que saiu da escola para trabalhar, já no caso das mulheres o casamento e os filhos foram a maior parte das respostas.

O gráfico nos mostra que 35% disseram ter interrompido os estudos por causa do trabalho, destes só um dos entrevistados era mulher. Para as mulheres Casamento/Filhos tem 20%, porém outras mulheres (15%) citam Casamentos/Filhos e trabalho, pois como uma das entrevistas declara: “precisava ajudar a família”. A falta de escolas na zona rural também é um problema que infelizmente ainda está presente realidade nacional. Mas uma resposta sincera lança uma grande preocupação para todos os educadores: a “falta de vontade” de estudar. Um grande desafio para uma sociedade imediatista e virtual.

Questão número 8.

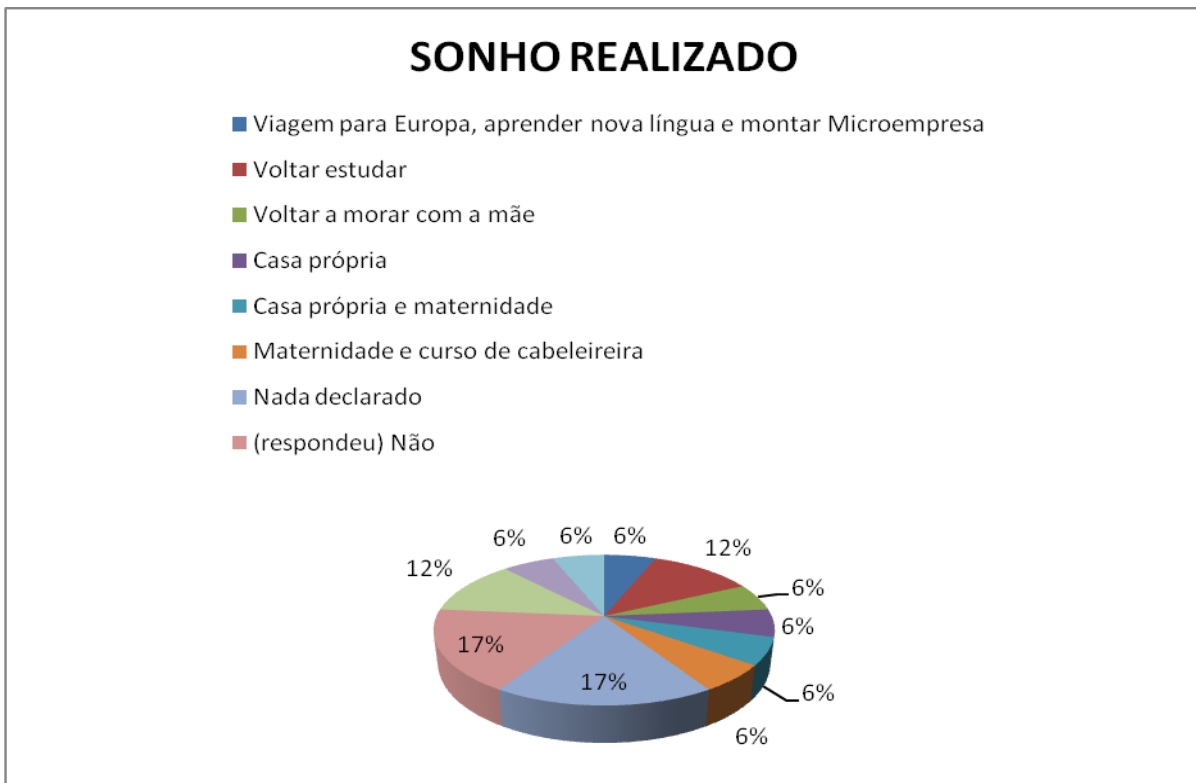


Gráfico 09- Questão 8: SONHO REALIZADO

Esta questão também é expositiva e criamos categorias para melhor expor os dados através deste gráfico.

Lembramos que a palavra “Sonho” foi utilizada no questionário para facilitar a compreensão do entrevistado, pois o conceito “Utopia Individual” precisaria ser explicado para cada um dos colaboradores e poderia ainda ser mal compreendido, e utopia é um dos vários significados de sonho. (BUENO, 1996, p. 615)

Uma pena que a casa própria ainda é considerada um sonho, um direito legítimo dos cidadãos. Como podem necessidades tão básicas para a existência humana serem difundidas em nossa sociedade como um sonho individual a ser buscado? É claro que por trás desta cortina de fumaça existem objetivos perversos, isentando a responsabilidade dos gestores do Estado de servir a todos os cidadãos. A maternidade também teve um grande número de respostas, sabemos que tanto o casamento como a maternidade é colocado para a mulher como uma função social, desde criança ao brincar de casinha ela é preparada para isto.

No caso específico do regime patriarcal brasileiro no século XIX, criou-se, através da literatura, um estereótipo de mulher. Se moça donzela, deveria ser branca e pálida, frágil, virgem, pura, sensível, discreta, tímida; se mulher adulta, deveria ser gorda, maternal, coxas grossas, nádegas proeminentes, seios fartos, quadris largos; em uma palavra: mulher forte e parideira que servisse aos interesses básicos do homem, que eram a procriação e os cuidados com o lar. (LEAL, 1995, p. 195).

A busca de uma profissão digna também é relatada como um sonho realizado, realmente é muito difícil escolher uma atividade que irá prover suas necessidades e que (quem dera) possa ser algo que dê prazer em realizar. Mas um sonho que merece ser destacado é da entrevistada que conheceu a Europa, aprendeu uma nova língua, pôde conhecer uma realidade diferente de nossa cultura e por fim, ao voltar a seu país, conseguiu montar sua microempresa, e ter sua independência econômica a partir de sua iniciativa. “A sim, conheci a Europa, falo espanhol e tenho uma microempresa”.

Porém, há de se ressaltar que uma porcentagem significativa dos entrevistados não declarou nada ou que ainda não realizaram nenhum sonho. Apesar deste dado preocupante, ele demonstra certa esperança, pois ainda na própria resposta, alguns complementaram que “ainda vão realizar”, ou ainda de forma mais contundente, na própria postura de retomar seus estudos na EJA, ampliando assim suas possibilidades. E assim realizar estes (e outros) sonhos futuros, não realizados, vem de encontro com

a nossa hipótese, de que as utopias individuais que fazem com que o aluno retome seus estudos. Ou, ainda, podem não ter compreendido a questão.

Questão número 9.

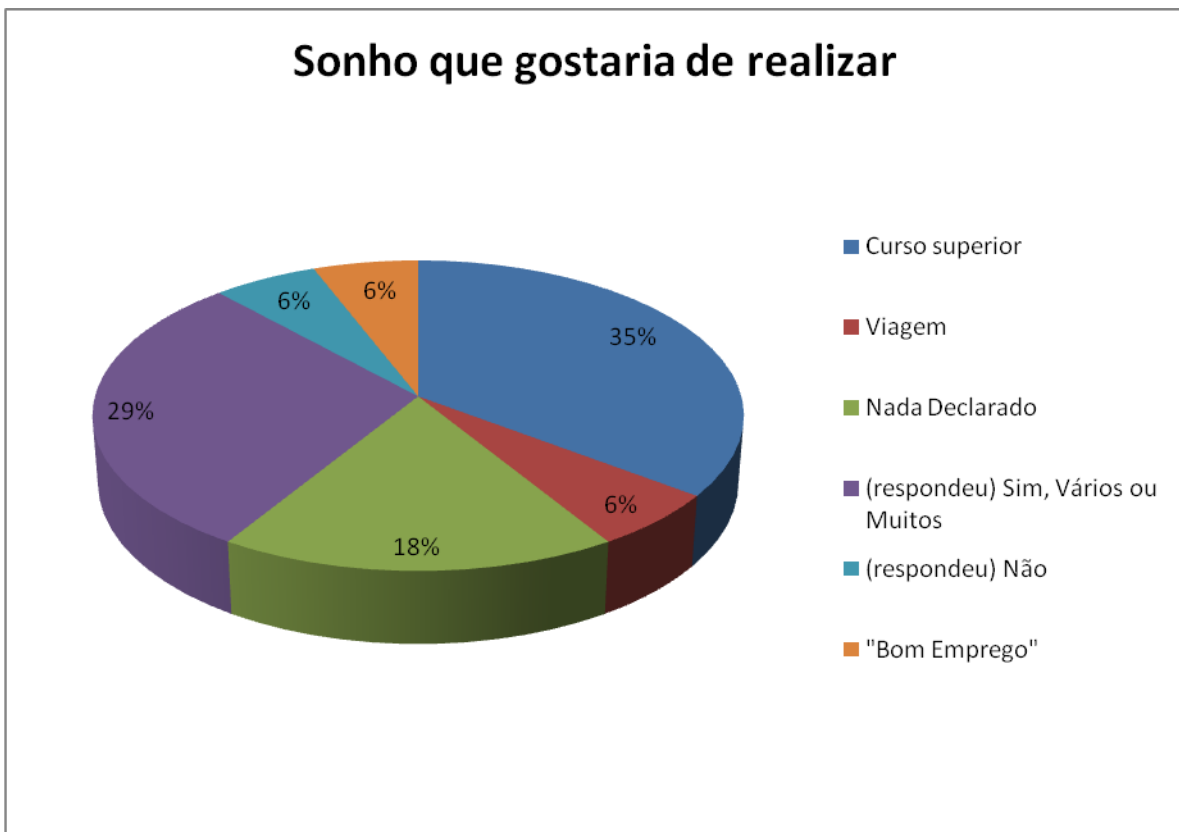


Gráfico 10- Questão 9: SONHO QUE GOSTARIA DE REALIZAR

Como esta resposta foi expositiva agrupamos mais uma vez os dados para ajudar a visualização através deste gráfico. Muitos dos entrevistados não declararam nada, ou foram redundantes, não respondendo nada ou “sim, muitos, vários ou não”. O que pode ter acontecido por várias razões, ou por falta de interesse em responder, por não ter este sonho ainda muito claro para si mesmo ou por não querer revelá-lo por algum motivo.

Dos outros sonhos declarados, 41% dos entrevistados, declararam ter objetivos profissionais (curso superior e bom emprego), que geralmente passam por formação

universitária. Mesmo que a educação em nossa sociedade em alguns momentos não seja muito valorizada no imaginário social, pois existem outras formas de ascensão social.

E também foi citada viagem, “Conhecer meu país”, algo mais ligado ao prazer individual e por ser menos preso a realidade prática, do pragmatismo contemporâneo, tem algo a mais de sonho, do ato de sonhar.

Questão número 10.

10) Você vê diferença entre “Sonho”, “Necessidade” e “Objeto de consumo”?

Ao elaborar esta pergunta buscou-se conhecer melhor a compreensão dos alunos de EJA sobre a diferença de cada um dos conceitos, estes que nos fazem visualizar e definir os objetivos de nossas vidas. Seria muito importante para este trabalho conhecer o discernimento das pessoas sobre suas utopias individuais, e sobre a capacidade de escolher seu destino e o que, e como, outras forças poderiam influenciar nesta escolha.

Cabe primeiro definir minimamente os termos usados para poder refletir sobre as respostas a esta questão.

Por “Objeto de consumo” ou “sonho de consumo” podemos considerar tudo aquilo que por força de uma mídia massificadora nos dizem ser “necessário e importante” possuir para se alcançar a felicidade e que é algo seletivo, para poucos, só aqueles com mérito. Analisando a trajetória do consumo em nossa sociedade a autora Gisela Taschner, em seu artigo “Raízes da cultura do Consumo”, faz um estudo sobre as mudanças das formas de consumo ao longo da história e entre vários pontos importantes destaca que:

(...) a ‘educação’ para o consumo, que será realizada em grande parte pelas lojas de departamentos, surgidas na sociedade burguesa do século XIX, após a revolução industrial e que se tornaram as grandes responsáveis pela associação do consumo ao lazer, ao prazer, ao lúdico, e pelo desenvolvimento de técnicas cada vez mais eficazes de sedução do consumidor (TASCHNER, 1996, p. 43).

O consumo ligado ao status não é algo novo em nossa sociedade, Veblen já o tratou como consumo conspícuo “a prática de comprar e ostentar posses materiais com vistas a indicar ou realçar o próprio prestígio aos olhos dos demais” (JOHNSON, 1995, p. 51).

Dos vários significados de “sonho” os que mais têm relação com este trabalho são: “desejo intenso e constante, aspiração” e “ideia ou ideal defendidos com paixão” (GEIGER, 2011, p. 1282), que é tratado neste trabalho como utopia individual.

E finalmente para “necessidade”, a definição é bem básica: “qualidade ou condição do que é necessário”, “aquilo que não se pode evitar”, no caso de cada família e indivíduo, por exemplo, alimentação, moradia, transporte, lazer, enfim, o que é básico para viver (GEIGER, 2011, p. 962).

As três categorias se diferem entre si de forma contundente, mesmo sendo muito difícil de conceituar “sonho” é possível ter uma clareza melhor do sentido aqui trabalhado apenas excetuando as outras duas categorias que citamos.

Foi uma pergunta mais complexa, em que era necessário refletir sobre cada um dos termos, compará-los e depois expressar por meio de palavras tudo isto. Mas infelizmente nenhuma das respostas conseguiu estabelecer alguma relação da diferença entre as três categorias que se aproximasse ao significado em que procuramos trabalhar. Talvez esta questão não foi bem compreendida, ou poderia ser melhor formulada. Ou quem sabe o entrevistado optou por não desenvolver muito as respostas expositivas, no intuito de responder o mais rápido possível o questionário. Um pesquisador conta com a colaboração dos entrevistados para preencher os dados solicitados, já em uma pesquisa individual gravada os resultados podem ser mais robustos, mas isto demanda muito tempo e disponibilidade do entrevistado.

Questões número 11 e 12

Ambas as questões são expositivas, em que os alunos precisavam escrever suas opiniões, ao invés de apenas escolher uma das alternativas:

11) Para realizar seu (s) Sonho (s) você acha que um dos meios pode ser a Educação?

A maioria manifestou que a educação é a via para a realização dos seus sonhos, uma das entrevistadas complementou: “pena que no nosso país a Educação para os governos eles não dão prioridade”. Porém duas das respostas foram diferentes: “Depende dos sonhos, alguns só alguém além das minhas mãos pode realizar” e “Pode, saúde é o que mais importa por ter depressão há quatro anos e meio”.

12) Você acha que através dos estudos é mais fácil conseguir realizar as coisas e talvez ser mais feliz, ou não, pois existem outros caminhos? Explique.

A maioria dos alunos respondeu que a educação é muito importante, um entrevistado destacou que é "a base de tudo", algumas fazendo referência ao crescimento profissional. O que demonstra que mesmo tendo abandonado os estudos, por motivos diversos, os cidadãos tem clara a ideia sobre a importância dos estudos. Muitas vezes um clamor social em busca pela capacitação profissional, das demandas do mercado de trabalho.

Uma das respostas traz certa profundidade, mesmo que seja ambígua: “Conseguir as coisas sim, agora ser feliz talvez. Não existe outro caminho sem o estudo. Tudo hoje precisa de estudo”.

8.2 SÉRIES FINAIS EJA

Neste capítulo, faremos a apresentação da análise dos dados coletados, agora das séries finais da EJA, ou seja, alunos que fazem as séries equivalentes ao ensino médio.

As perguntas são as mesmas para os dois grupos. Reiteramos que são dois grupos distintos, o das séries iniciais e os da série finais, mas vamos analisar suas respostas separadas, buscando algumas correlações e divergências. Usaremos, quando necessário, tabelas para visualizar melhor a diferença entre os dados de ambas.

Questão número 1 (a).



Gráfico 11- Questão 1(a): GÊNERO DOS ENTREVISTADOS

Tabela 1 - GÊNERO DOS ENTREVISTADOS

	SÉRIES INICIAIS (%)	SÉRIES FINAIS (%)
MULHERES	65	82
HOMENS	35	18

Na comparação deste gráfico com seu equivalente das séries iniciais nota-se uma maior presença feminina na EJA.

O desafio enfrentado pelas mulheres na sociedade brasileira é muito grande:

Esta situação rigidamente autoritária não se limitava apenas à vida em família, pois a escola era uma extensão da ditadura família, onde a figura autoritária do pai era substituída pela imagem não menos autoritária do professor. (LEAL, 1995, pp. 207-208).

Na sociedade atual a mulher vem conseguindo mais espaço e rompendo com as limitações da qual vem sofrendo desde a colonização do Brasil. Por isto o ensino constitui um caminho concreto para a melhoria de suas condições de vida.

Comparando os dois grupos vemos que o número de mulheres aumenta mais ainda mais nas séries finais, o que nos remete ao Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Professor João Rodrigues Da Silva, em que foi realizada esta pesquisa, que demonstrou através de pesquisa junto à comunidade escolar que: “o grau de escolaridade das mães é sensivelmente superior ao dos pais” (PPP, p. 6).

Questão número 1 (b).

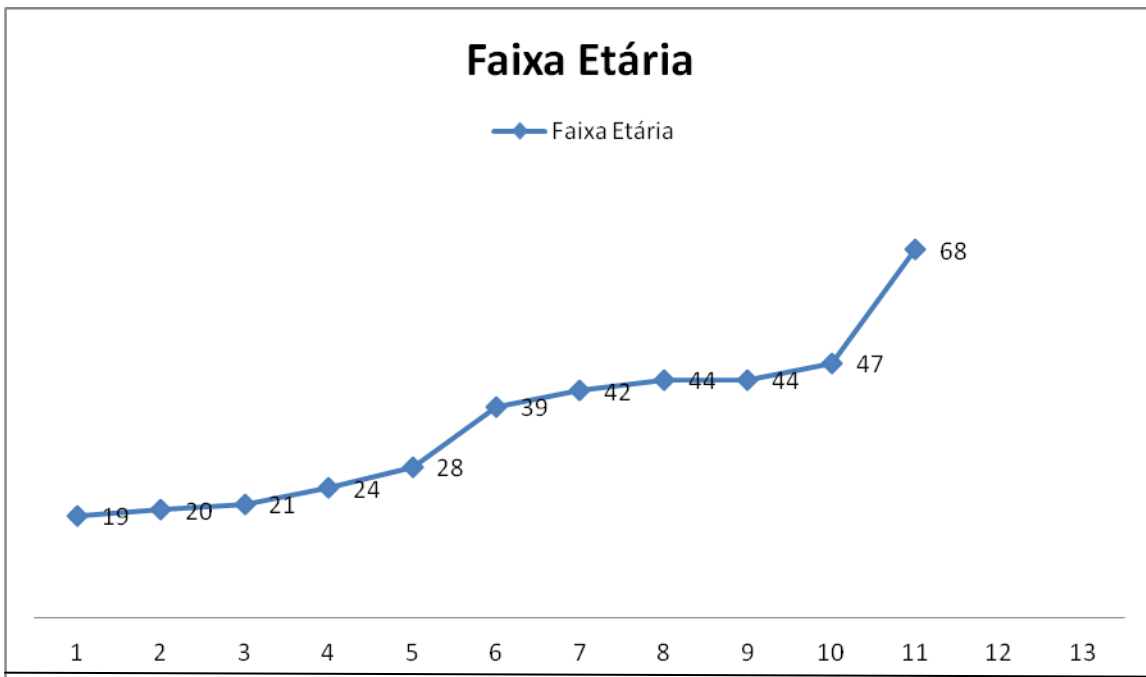


Gráfico 12- Questão 1(b): FAIXA ETÁRIA

Através dos dados coletados sobre a faixa etária notamos que, assim como na fase inicial da EJA, a fase final também contém alunos relativamente novos, mas outros com idade bem avançada. Mais uma vez vemos que as idades são muito diversas e neste caso, das séries finais, a única idade que se repete é a de “quarenta e quatro” anos.

Questão 1(c):

Todos se declararam moradores de Londrina.

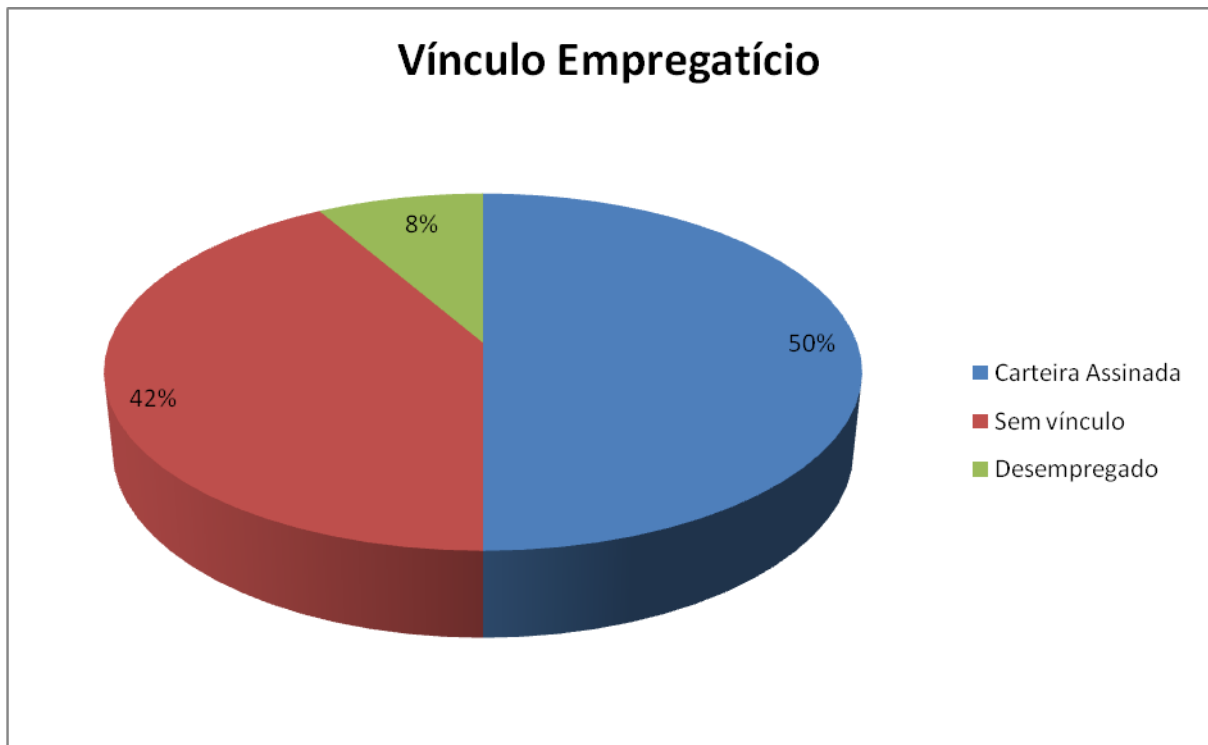
Questão número 2.

Gráfico 13- Questão 2: VÍNCULO EMPRAGATÍCIO

Tabela 2 - VÍNCULO EMPRAGATÍCIO

	SÉRIES INICIAIS (%)	SÉRIES FINAIS (%)
CARTEIRA ASSINADA	47	50
SEM VÍNCULO	41	42
DESEMPREGADO	12	8

O vínculo empregatício aumentou em 3% em relação aos anos iniciais, porém ainda é baixo. Esses índices não são relevantes para poder associar o aumento da escolaridade com empregabilidade, mas nos leva a refletir sobre alguns cidadãos que precisam se conformar com subempregos (sem registro na carteira de trabalho) para poderem sobreviver.

O que podemos afirmar é que falta fiscalização por parte dos órgãos responsáveis para punir as empresas que não fazer o devido registro em carteira destes trabalhadores.

Questão número 3.

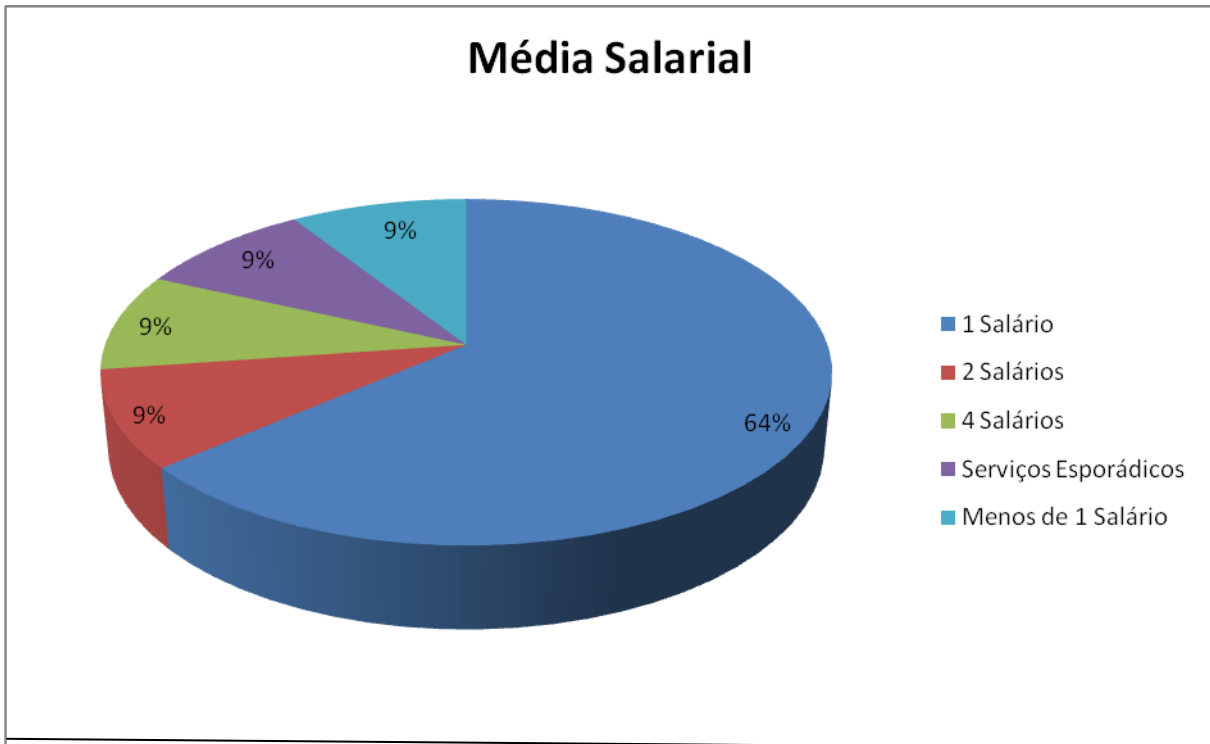


Gráfico 14- Questão 3: MÉDIA SALARIAL

Tabela 3 - MÉDIA SALARIAL

	SÉRIES INICIAIS (%)	SÉRIES FINAIS (%)
TRABALHOS ESPORÁDICOS	6	9
MENOS QUE UM SALÁRIO	0	9
1 SALÁRIO MÍNIMO	38	64
2 SALÁRIOS MÍNIMOS	44	9
3 SALÁRIOS MÍNIMOS	6	0
4 SALÁRIOS MÍNIMOS	0	9
DESEMPREGADO	6	0

Confrontando os dados das séries iniciais e séries finais de EJA notamos uma variação sobre o ganho salarial das séries finais abaixo do valor declarado pelos alunos das séries iniciais. Para compreender plenamente este fato seria necessária uma pesquisa mais aprofundada junto aos entrevistados, pode ser alguma particularidade

dos grupos estudados. O empreendedorismo de algumas pessoas e outras estratégias desenvolvidas ao longo dos anos propiciam melhores formas de sobrevivência e demonstram a criatividade humana em ação, por conseguirem superar a necessidade da qualificação e escolaridade exigida pelo mercado de trabalho.

A escolaridade é um fator importante para conseguir um bom emprego e ter uma melhor renda, porém:

Cabe salientar, contudo, que a constatação de que a renda salarial não depende apenas da escolaridade, mas também de características pessoais, não invalida a relação entre renda salarial e anos de estudo do modelo de capital humano; ao contrário, contribui com uma forma de explicar porque diferentes indivíduos têm diferentes níveis de escolaridade e diferentes níveis de renda salarial, e porque também há diferenças de renda entre indivíduos com o mesmo nível de escolaridade. (FRANÇA, 2005, p. 47)

Por isto algumas pessoas que querem retomar seus estudos querem algo a mais, querem realizar suas utopias individuais e assim dar um passo além.

Destaca-se o caso de uma pessoa que relatou no questionário ganhar menos que um salário mínimo... que como já foi dito, atualmente é de 678 reais, já é um valor notoriamente muito abaixo, diante das necessidades de qualquer ser humano, imagine abaixo disto. Mas com a falta de empregos fixos ou por opção alguns destes cidadãos dependem de trabalhos eventuais, microempreendedores individuais, e estes estão sujeitos a variações de mercado, clima, demanda, etc.

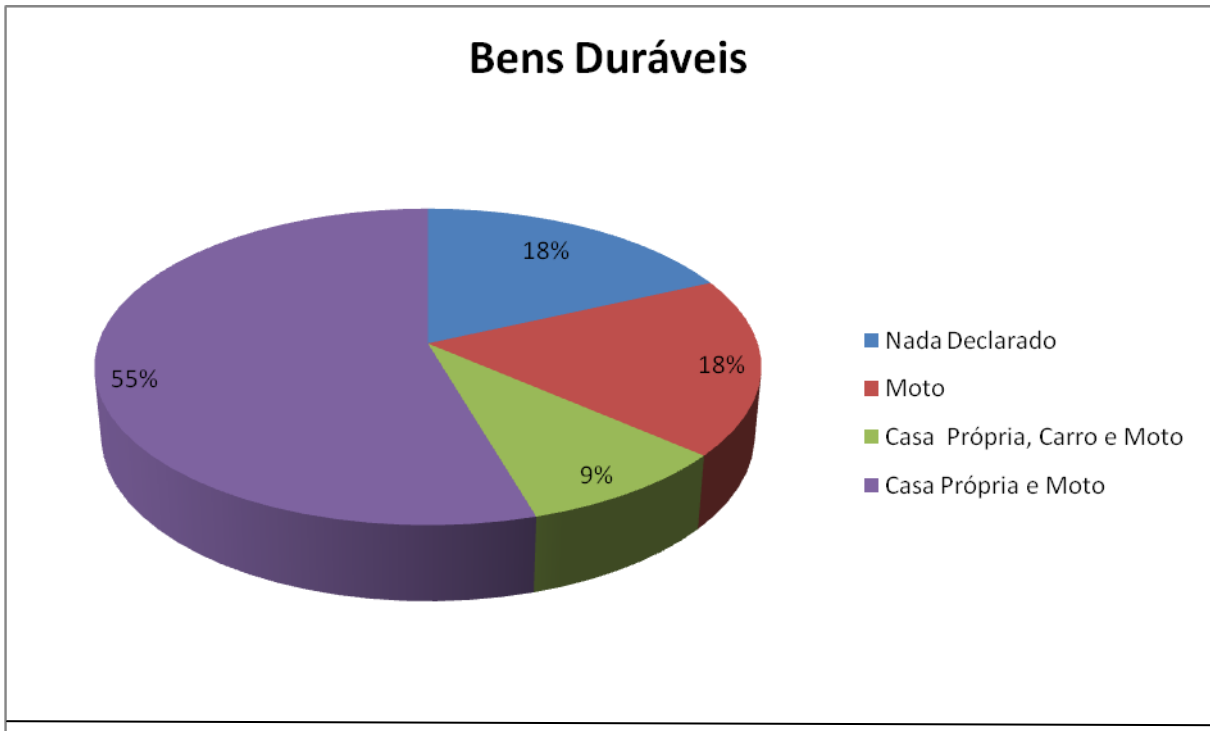
Questão número 4.

Gráfico 15- Questão 4: BENS DURÁVEIS

Tabela 4 - BENS DURÁVEIS

	SÉRIES INICIAIS (%)	SÉRIES FINAIS (%)
NADA DECLARADO	12	18
MOTO	12	18
CARRO	12	0
CASA PRÓPRIA	29	0
CASA PROPRIA, CARRO e MOTO	23	9
CASA PROPRIA e CARRO	6	55
CARRO e MOTO	6	0

Notamos que de forma geral este gráfico não variou muito em relação ao das séries iniciais. Na declaração de bens dos entrevistados das séries finais a maioria (64%) informou possuir casa própria e veículo, no caso das séries iniciais as categorias são mais diversificadas, se formos somar todas as respostas que constam o item casa própria chega a 58%, por isto a variação é pequena. Mas podemos notar que a maioria

dos entrevistados possui uma situação relativamente estável e mesmo expressando em outras questões (5, 8, 9 e 12) uma preocupação com a capacitação profissional, com base nisso é possível formular a hipótese que a parte monetária pode não ser a única necessidade destes alunos ao retomar os estudos. O objetivo neste caso é um possível crescimento, sonhar com um futuro melhor, tentar realizar sua utopia individual.

Questão número 5.

“Porque resolveram retomar os estudos?”

As respostas dos entrevistados das séries iniciais e séries finais foram similares. Melhorias nos estudos, das condições de vida e crescimento pessoal foi o enfoque de todas as questões. A maioria respondeu que queria uma maior capacitação profissional, alguns foram mais específicos e disseram que queriam concluir algum curso superior. Movidos pelos sonhos, pelas utopias individuais de cada um a retomada dos estudos mostrou-se o melhor caminho nesta jornada.

Como diz uma das entrevistadas: “Por que sem estudo você não consegue um serviço digno, você não consegue objetivo que você quer”.

Questão número 6 (a).

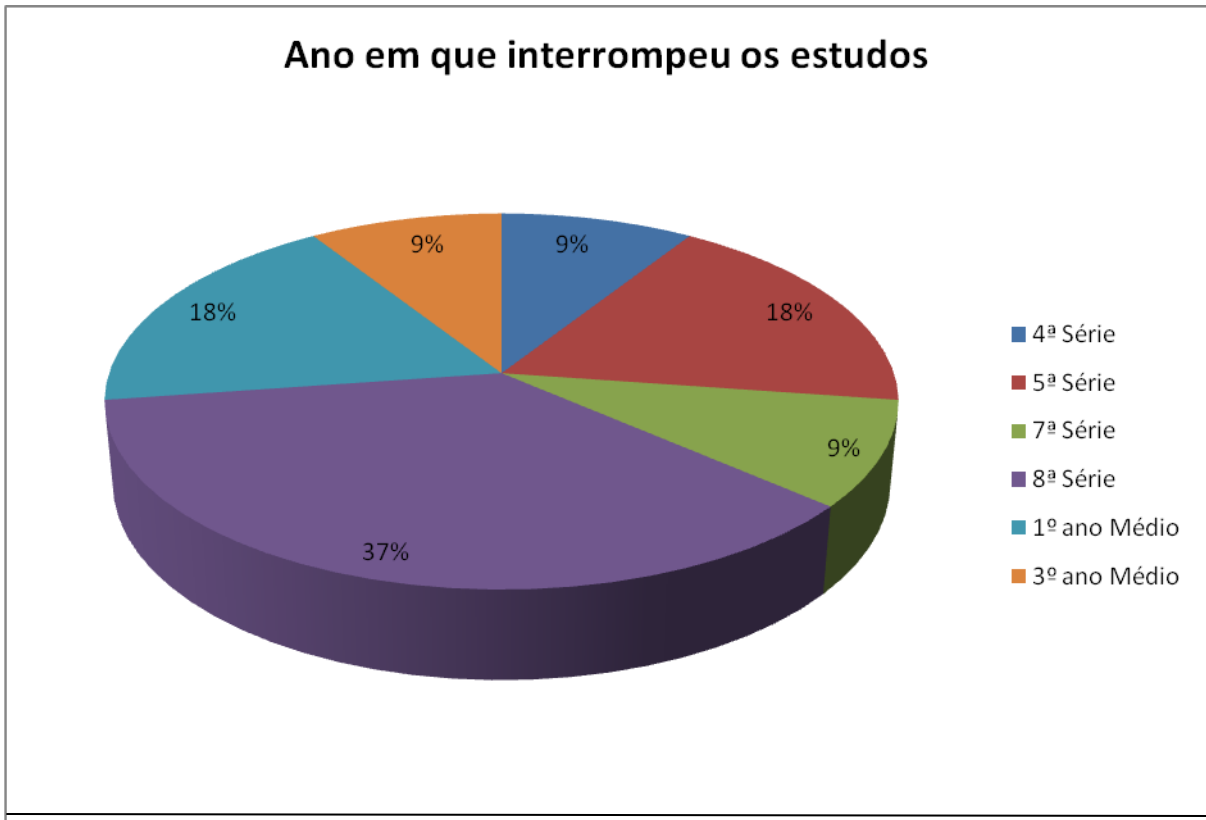


Gráfico 16- Questão 6(a): ANO QUE INTERROMPEU OS ESTUDOS

Tabela 5 – ANO QUE INTERROMPEU OS ESTUDOS

	SÉRIES INICIAIS (%)	SÉRIES FINAIS (%)
1º ANO ENSINO FUNDAMENTAL	29	0
2º ANO ENSINO FUNDAMENTAL	12	0
3º ANO ENSINO FUNDAMENTAL	6	0
4º ANO ENSINO FUNDAMENTAL	12	9
5º ANO ENSINO FUNDAMENTAL	17	18
6º ANO ENSINO FUNDAMENTAL	6	0
7º ANO ENSINO FUNDAMENTAL	12	9
8º ANO ENSINO FUNDAMENTAL	6	37
1º ANO ENSINO MÉDIO	0	18
2º ANO ENSINO MÉDIO	0	0
3º ANO ENSINO MÉDIO	0	9

O gráfico mostra que 73% dos alunos das séries finais interromperam seus estudos ainda no ensino fundamental, com isto os dados induzem que estes alunos

retomaram seus estudos a mais tempo e vem aumentando sua escolaridade através da EJA. Somente 18% primeiro ano e 9% no terceiro ano Interromperam os estudos no ensino médio. Cada aluno procurando superar seus desafios individuais para conseguir concluir seus estudos.

Um levantamento de dados como este pode ajudar a detectar as séries onde os alunos mais interromperam os estudos no ensino regular e com isto é possível fazer um trabalho pedagógico específico com o objetivo de reduzir o índice de evasão escolar nestas séries.

Questão número 6 (b).

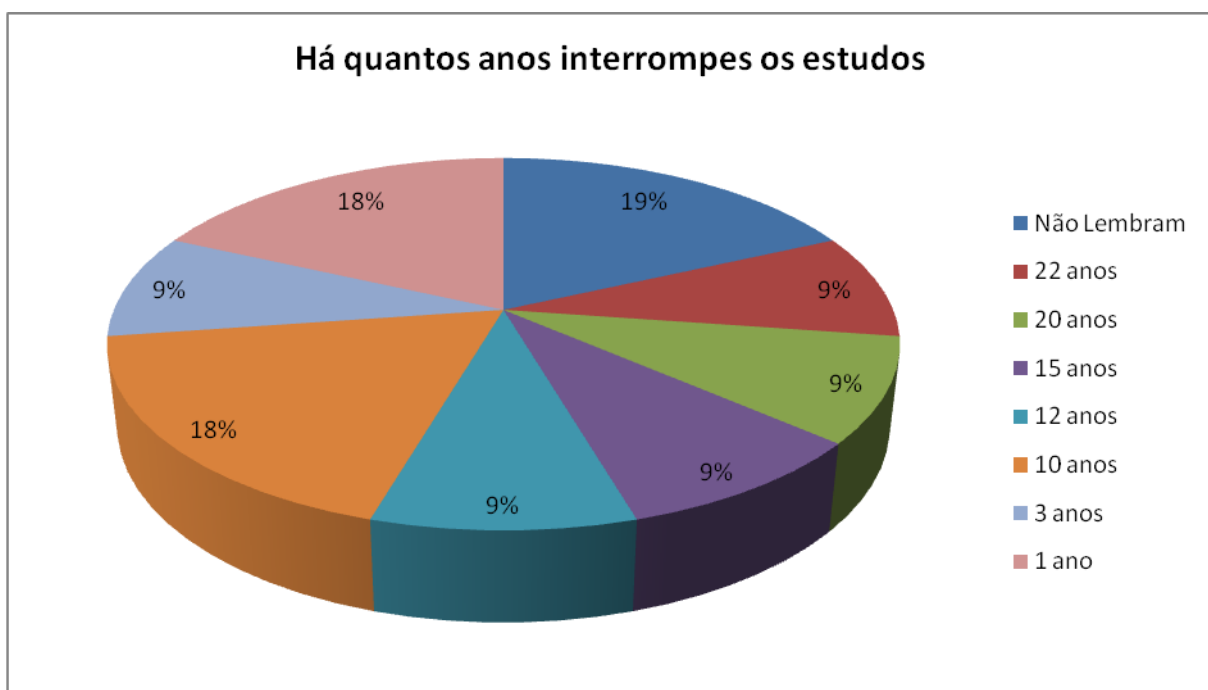


Gráfico 17- Questão 6(b): HÁ QUANTOS ANOS INTERROMPEU OS ESTUDOS

Tabela 6 - HÁ QUANTOS ANOS INTERROMPEU OS ESTUDOS

	SÉRIES INICIAIS (%)	SÉRIES FINAIS (%)
1 ANO	0	18
2 ANOS	8	0
ENTRE 3 E 5 ANOS	14	9
ENTRE 6 E 10 ANOS	7	18
ENTRE 11 E 20 ANOS	57	27
MAIS DE 20 ANOS	14	9
NÃO LEMBRAM	0	19

Quanto à interrupção dos estudos este gráfico das séries finais tem menos períodos de anos de interrupção dos estudos citados, enquanto no gráfico das séries iniciais temos mais períodos e só o período de 15 de interrupção foi citado por mais de um entrevistado. Vemos que 27% dos entrevistados das séries finais interromperam o estudo a um tempo relativamente pequeno, até três anos.

Enquanto para outros nem se lembram, ou talvez por vergonha, (mesmo respondendo ao questionário anonimamente) optaram por não revelar.

Questão número 7.



Gráfico 18- Questão 7: MOTIVOS PARA A INTERRUPTÃO DOS ESTUDOS

Tabela 7 - MOTIVOS PARA A INTERRUPTÃO DOS ESTUDOS

	SÉRIES INICIAIS (%)	SÉRIES FINAIS (%)
TRABALHO	35	20
CASAMENTO/FILHOS e TRABALHO	15	0
CASAMENTO e FILHOS	20	20
DIFICULDADES NA INFÂNCIA	5	0
FALTA DE ESCOLAS NA ZONA RURAL	10	10
FALTA DE VONTADE	5	10
REPROVAÇÃO ESCOLAR	0	10
PERDA DO PAI	0	10
NADA DECLARADO	0	10
PROBLEMAS DE SAÚDE	5	10
SEM MOTIVO	5	0

Uma das respostas a essa questão foi anulada, pois o entrevistado declarou: “Por concurso público e faculdade”, incoerente com a pergunta. Certamente deve ter se confundido com o motivo que interrompeu os estudos com o que lhe fez retornar aos estudos.

Os motivos para a interrupção dos estudos não variaram muito do gráfico das séries iniciais para as séries finais, mas estes dados nos fazem refletir um pouco sobre os problemas e as desigualdades em nosso país.

Problemas como a falta de escolas na zona rural eram maiores, mas com o tempo estão melhorando. A reprovação escolar pode desmotivar, mas através do Projeto Político Pedagógico de cada escola busca-se reduzir os índices de reprovação.

Mas o casamento / filhos e o trabalho são os maiores responsáveis pela evasão escolar. A falta de vontade também foi declarada nesta questão, assim como nas séries iniciais, um grande desafio para as escolas competir com uma sociedade onde a tecnologia mudou a forma de se pensar a vida.

Questão número 8.

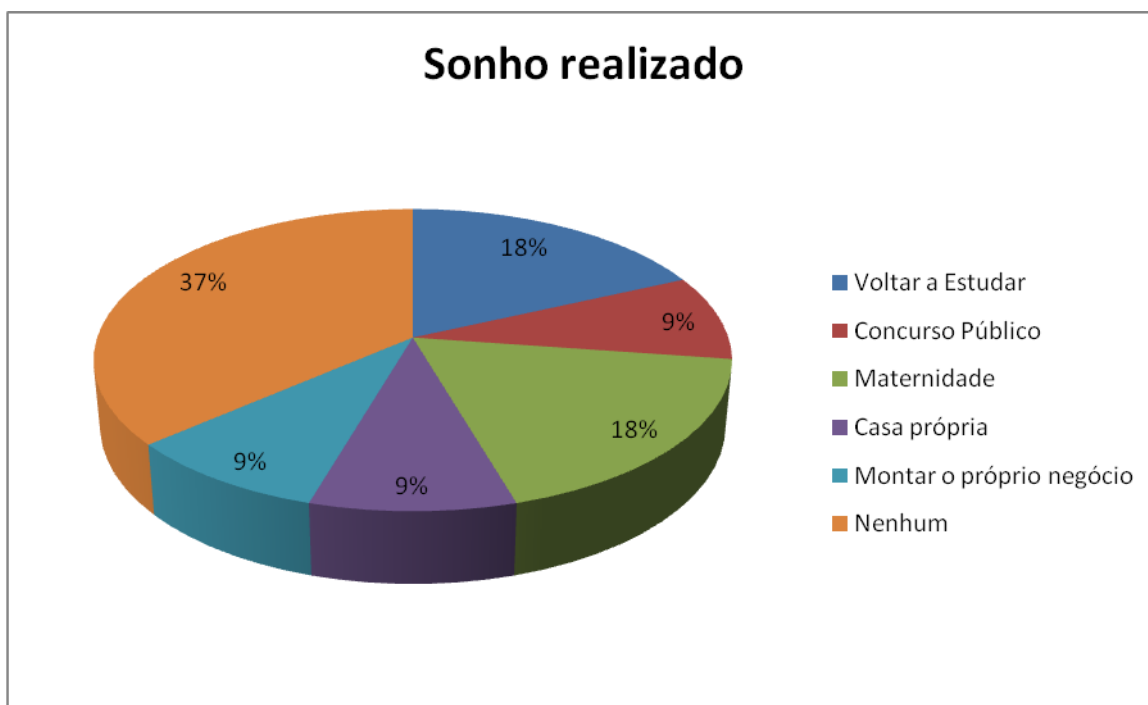


Gráfico 19- Questão 8: SONHO REALIZADO

Tabela 8 – SONHO REALIZADO

	SÉRIES INICIAIS (%)	SÉRIES FINAIS (%)
MATERNIDADE	6	18
CASA PRÓPRIA	6	9
VOLTAR A ESTUDAR	12	18
VOLTAR A MORAR COM A MÃE	6	0
CURSO DE CABELEIREIRA	6	0
CASA PRÓPRIA E MATERNIDADE	6	0
VIAJAR EUROPA MICROEMPRESA	6	0
NEGÓCIO PRÓPRIO	0	9
CONCURSO PÚBLICO	0	9
NENHUM	0	37
ESTAR VIVO	6	0
NÃO ESPECIFICOU	12	0
NÃO RESPONDEU	17	0
NADA DECLARADO	17	0

Não há diferenças significativas neste gráfico, se comparado ao que é referente às séries iniciais em EJA. Mas podemos notar claramente na resposta da maior parte dos entrevistados (37%) das séries finais declararam nenhum sonho realizado, mas na própria resposta algum citaram que ainda vão realizar (utopia individual). Isto remete a nossa hipótese de que o retorno aos estudos pode ser a busca da realização de um sonho, de sua utopia individual, sejam elas quais forem.

Vemos ainda alguns dos entrevistados citarem necessidades básicas como sonhos realizados, coisas que deveriam ser garantidas para grande maioria das pessoas, ou se possível todos, mas como tem a sua realização muito difícil são vistas como sonhos.

Como foi exposto por 18% dos entrevistados das séries finais “voltar a estudar” era muito importante para estes alunos de EJA. Como se fosse uma redenção, uma forma de superação. A retomada dos estudos seria então uma forma de redenção?

Questão número 9.

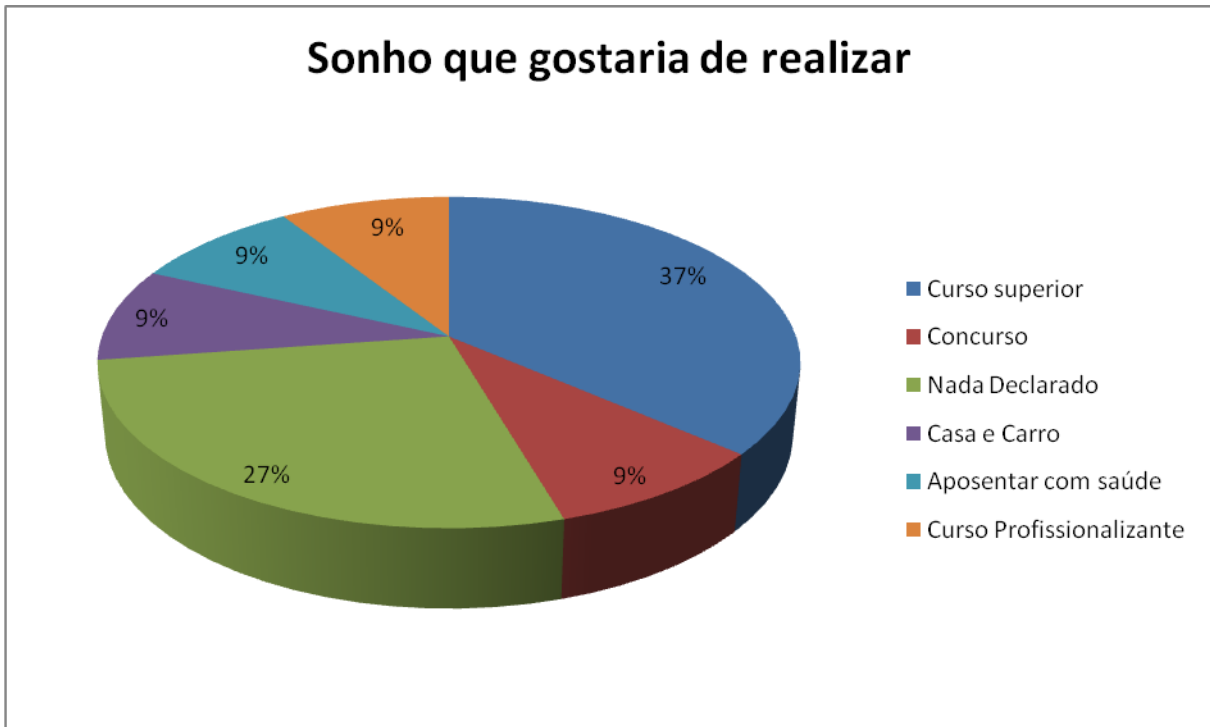


Gráfico 20- Questão 9: SONHO QUE GOSTARIA DE REALIZAR

Tabela 9 - SONHO QUE GOSTARIA DE REALIZAR

	SÉRIES INICIAIS (%)	SÉRIES FINAIS (%)
CURSO SUPERIOR	35	37
BOM EMPREGO (Respondeu) Não	6	0
(Respondeu) SIM, VÁRIOS OU MUITOS VIAGEM	29	0
CURSO PROFISSIONALIZANTE	0	9
CONCURSO PÚBLICO	0	9
CASA PRÓPRIA e CARRO	0	9
APOSENTAR COM SAÚDE	0	9
NADA DECLARADO	18	27

Comparando o gráfico equivalente das séries iniciais, em que a maioria não soube ou não quis declarar seus sonhos e nas séries finais mesmo aumentando o percentual dos que nada declararam (27%), já as outras respostas foram mais

objetivas. Como estes alunos das séries finais tem o objetivo de conclusão do ensino médio mais próximo, por isto suas utopias individuais vão ficando mais claras e mais acessíveis.

As posses materiais não foram esquecidas, 9% declararam querem adquirir bens. Mas nada supérfluo, necessidades básicas como: moradia e de mobilidade e moradia.

A preocupação com a saúde no momento da aposentadoria teve 9%, algo realmente muito importante. Aquela época da vida em que o trabalhador pode (ou devia) desfrutar das conquistas pessoais, graças ao esforço de anos de trabalho.

Destes dados apresentados nesta questão pelas séries finais o que merece destaque é fato de que somadas algumas das categorias maioria dos entrevistados (55%) tem sonhos em a educação é a via de acesso. Por mais que estas pessoas tenham sido desacreditadas pelo sistema educacional e pela cúpula governante de nossa sociedade, eles ainda acreditam no conhecimento como força transformadora. É claro que há um descrédito muito grande nas instituições, entre elas a Escola, entre elas a EJA, mas o que nos deixa otimistas é ver que eles ainda sonham, e enquanto há sonho há esperança.

Questão número 10.

Perguntados sobre se viam diferença entre "Sonho", "Necessidade" e "Objeto de consumo", todos que responderam disseram que sim, somente "sim", não explicaram estas diferenças. Assim como os alunos das séries iniciais, a resposta das séries finais não foi bem desenvolvida pelos entrevistados, talvez pelos mesmos motivos das séries iniciais, mas tivemos um número maior de pessoas expressando sua opinião, mesmo que não fosse uma reflexão mais aprofundada. Por exemplo:

"Sim, Sonho é algo que você quer e gosta. Objeto de consumo: Não tenho. Necessidade por algo (não tenho)" e "Sim, veja tenho o sonho de poder viver tranquilo, não que tenha uma condição tão ruim, mas é sempre bom melhorar de vida." Se tivesse

exposto aos entrevistados o significado de cada categoria teria influenciado no entendimento das mesmas o que refletiria em suas respostas.

Questões número 11 e 12.

Estas duas questões exigiam que o aluno emitisse com suas próprias palavras sua opinião:

11) Para realizar seu (s) Sonho (s) você acha que um dos meios pode ser a Educação?

Todas as respostas concordaram que a educação é muito importante para realizar os sonhos. A maioria associou à educação melhores empregos e uma vida melhor. Numa sociedade onde a cortina de fumaça da meritocracia esconde os verdadeiros motivos das desigualdades sociais, o conhecimento não é visto como uma busca prazerosa pelo saber, ao contrário, apenas uma ferramenta para se conseguir empregos melhores, que geram lucro ao patrão.

A educação situa-se, precisamente, na interseção desses dois planos, por constituir, simultaneamente, um bem imaterial e uma ferramenta de trabalho. Tal percepção nos auxilia a compreender os sentidos da distribuição desigual dos conhecimentos num sistema socioeconômico que objetiva naturalizar pelo mérito e controlar pelo simbólico as fortes assimetrias de poder em que se assenta. (RUMMERT, 2008, p. 178)

12) Você acha que através dos estudos é mais fácil conseguir realizar as coisas e talvez ser mais feliz, ou não, pois existem outros caminhos? Explique.

Assim como as respostas da mesma questão das séries iniciais a Educação foi destacada como um caminho claro na mente dos entrevistados para a realização de seus sonhos, objetivos.

Ilustramos isto com uma das respostas: “Hoje já faz tempo que voltei a estudar estar terminando o ensino médio e tirei muito proveito disso, sou mais confiante e muito feliz”.

Procuramos comparar questão a questão os dois grupos que entrevistamos: o das séries iniciais e das séries finais em EJA. Com esta comparação vimos vários

pontos convergentes e outros divergentes, destacamos o fato do grupo das séries finais expressar melhor seus sonhos, exteriorizar algumas pistas daquela utopia individual que o levou a buscar o EJA como forma de realização.

Foram estas as perguntas e vontade de refletir sobre elas, que levaram a pensar neste tema para que quiçá possa contribuir em vislumbrar novos caminhos, identificar alguns dos problemas e conhecer um pouco das esperanças depositadas na proposta destinada ao Ensino de Jovens e Adultos.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato dos cidadãos buscarem na Educação, neste caso a EJA, para a realização das suas utopias individuais não garante simplesmente estas realizações. Estas dependem de vários fatores como: perseverança, superação, entre outros que se diferenciam de um indivíduo para outro. Sem contar ainda as determinantes condições sociais, que são coletivas, mas afetam o indivíduo.

O instrumento utilizado neste trabalho forneceu vários dados relevantes para o estudo sobre a EJA e muito nos auxiliaram a conhecer um pouco mais do perfil destes alunos. Em alguns momentos os dados nos levaram a considerar que o que move a retomada nos estudos destes alunos é a busca da capacitação profissional, mas em outros casos (como no caso da declaração de bens duráveis, dos sonhos realizados e dos sonhos que ainda vão realizar) nos levaram a questionar se não existem outras motivações para a busca de concluir estes estudos, que em algum momento foi necessário interromper. Por isto podemos concluir que tanto a busca de uma maior capacitação profissional, como o sentimento de culpa por ter interrompido os estudos (um ciclo que não se concluiu), e a busca da realização de outros sonhos diversos são todas utopias individuais, são objetivos vislumbrado por estes alunos para o futuro, que podem ou não acontecer.

Cada um traz a sua utopia individual e que motiva a ir mais longe do pensávamos conseguir. Existem diversas utopias individuais, como o próprio nome diz, são “individuais”, próprias de um sujeito específico. As utopias individuais dos alunos de EJA estudadas neste trabalho remetem a qualificação profissional, conquistas de necessidades básicas, conclusão dos estudos (de um ciclo), saúde e até maternidade, além de outras que não foram declaradas, mas o que fica claro é que estas as motivações ajudam cada um a encarar o desafio de retomar os estudos e buscar um futuro melhor.

Sendo assim é possível dizer que em parte nossa hipótese inicial se confirmou, pois as utopias individuais são os motivos que os alunos destes grupos pesquisados retomarem seus estudos. Mesmo elas sendo mais complexas que imaginávamos e é

muito difícil demonstrá-las através de categorias, elas foram detectadas em várias formas, tanto expressas como veladas.

Reafirmando com esta pesquisa que a busca por uma vida melhor, no imaginário destes grupos analisados, ainda passa pela educação, e que só o fato destes cidadãos retomarem os estudos pode sim ajudar a aumentar sua autoestima.

Mas é sabido que este caminho não é fácil e requer um grande esforço pessoal. Cabe a nós educadores conhecermos as utopias individuais de cada aluno de EJA e assim poder auxiliá-los nesta realização, aprimorando as técnicas de aprendizagem diferenciadas para o público de EJA. Aos governos cabe dar subsídios para a formação deste educador e fornecer os meios estruturais e técnicos para isto.

Pois a EJA é uma modalidade específica de ensino e por isto é necessário um cuidado especial para que o número de concluintes dos estudos em EJA seja maior.

Se cada vez mais gente conseguir se libertar do fardo pessoal que é o abandono dos estudos e realizar suas utopias individuais, o caminho ficará mais acessível e será possível então sonhar com os olhos bem abertos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares? IN: **Revej@, Revista de Educação de Jovens e Adultos**, v. 1, n. 0, p. 1-108, ago. 2007

BARBOSA, J. L. A cidade do devir na utopia de Thomas Morus. IN: _____ **As Passagens Crepusculares da Ficção Científica: a elegia das utopias urbanas do modernismo**. 2002. Tese (Doutorado em Geografia), USP, São Paulo, 2002.

BIGNARDI, F. A. C. Reflexões sobre a pesquisa qualitativa e quantitativa: maneiras complementares de apreender a realidade. São Paulo: Comitê Paulista para a Década da Cultura de Paz - UNESCO, 2003. Disponível em:
<<http://www.gpesd.com.br/baixar.php?file=28>> Acesso em: 10 de out. 2013.

BRASIL. **PROEJA**. Brasília, MEC, 2007.

BUENO, F. S. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD / LISA, 1996.

CARLOS, J.; BARRETO, V. “Um sonho que não serve ao sonhador”. IN: _____ **Construções Coletivas: contribuições à educação de jovens e adultos**. Brasília, MEC, v. 3 p. 63–68, jun. 2006.

DI PIERRO, M. C. **Descentralização, focalização e parceria: uma análise das tendências nas políticas públicas de educação de jovens e adultos**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.27, n.2, pp. 321-337, jul./dez, 2001.

ESPINOSA, B. **Espinosa**. São Paulo, Abril, 1983. (“Coleção Os Pensadores”). Disponível em:
<http://www.4shared.com/get/8VAExBUS/17_-_espinosa_-_colego_os_pensa.html>. Acesso em: 02 jun. 2013.

FERNANDES, A. R. et al. **Socialização do saber escolar**: o esporte e a cultura com função facilitadora deste processo. 2007. 56 f. Monografia (Programa de Especialização em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos) - Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em:

<https://wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/f/f0/antonio_roberto_fernandes_-_atanil_de_medeiros_wagner_filho_-_daniela_moreira_tomasi_de_andrade.pdf>

Acesso: 02 jul. 2013.

FORACCHI, M.M. (org.) **Karl Mannheim**. São Paulo: Ática, 1982. (“Coleção Grandes Cientistas Sociais”).

FOUCAULT, M. Uma estética da existência (entrevista com A. Fontana). Tradução: Wanderson F. Nascimento. Disponível em: < <http://www.luciano.com/michel-foucault/uma-estetica-da-existencia>>. Acesso em 06 dez. 2013.

FRANÇA, G. N. Relação entre Escolaridade e Renda no Brasil na Década de 1990. UCB, Brasília: 2005. Disponível em :

<http://www.bdttd.ucb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=329>

Acesso: 19 nov. 2013

GALEANO, E. **As palavras andantes**. Porto Alegre, L&M, 1994

GEIGER, P. (org.) **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.

GONÇALVES, D. M. **Universalização da Educação básica no Brasil**: Utopia para a construção de uma Educação Integral. Dissertação (Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais). Rio de Janeiro, IBGE, 2010.

GOUVEIA, V. V. Dimensões Normativas do Individualismo e Coletivismo: É Suficiente a Dicotomia Pessoal vs. Social? João Pessoa, UFP, 2003. IN: Psicologia: Reflexão e Crítica, 2003, 16 (2), pp. 223-234. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n2/a02v16n2.pdf>>. Acesso: 02 jul. 2013.

HOBBS, T. **Leviatã**. São Paulo, Abril, 1974. (“Coleção Os Pensadores”).

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Uma análise das condições de vida da população brasileira 2012. Rio de Janeiro, IBGE, 2012.

JOHNSON, A. G. **Dicionário de Sociologia**. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.

LEAL, J. C. **A maldição da mulher**. Rio de Janeiro, Achiamé, 1995.

LINCK, I. M. D. et al. Leitura e Interpretação da Realidade: fator relevante à produção textual crítica. Cruz Alta, UNICRUZ, 2011. Disponível em:

<<http://www.unicruz.edu.br/seminario/artigos/humanas/a%20leitura%20e%20interpreta%20c3%87%20c3%83o%20da%20realidade%20fator%20relevante%20c3%80%20produ%20c3%87%20c3%83o%20textual%20cr%20c3%8dtica.pdf>>. Acesso: 02 jul. 2013.

LOPES, S. P.; SOUZA, L. S. **EJA: Uma Educação Possível ou Mera Utopia**. CEREJA, v. 1, p. 17-19, 2007. Disponível em:

<http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf>. Acesso: 02 jun. 2012

LUIZETTO, F. **As utopias Anarquistas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação – SEED. **Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba, 2006. Disponível em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_eja.pdf>. Acesso em: 05 de ago. 2012.

PPP – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR JOÃO RODRIGUES DA SILVA – ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO. Disponível em: <<http://www.ldajoaorodrigues.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/18/1380/4457/arquivos/File/PROJETOPEDAGOGICO2010.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

RODRIGUES, E. **Os Libertários**: Ideias e experiências anárquicas. Petrópolis: Vozes, 1988.

RUMMERT, S. M. Educação de jovens e adultos trabalhadores no Brasil atual: do simulacro à emancipação. IN: **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 26, n. 1, 175-208, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.perspectiva.ufsc.br>>. Acesso: 23 jul. 2013.

ROUSSEAU, J.J. **O Contrato Social**. São Paulo: Tecnoprint, 1980.

SANTOS, E. P. et al. **As Múltiplas Faces da Evasão**: Interrupção Escolar da Educação de Jovens e Adultos. Cátedra Unesco, Congresso Internacional, GT-03, 2009.

SANTOS, J.L. **O que é cultura**. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (“Col. Primeiros Passos”). Disponível em: <<http://www.catedraunescoeja.org/GT03/COM/COM018.pdf>> Acesso em: 21 nov. 2013.

TASCHNER, G. Raízes da cultura do consumo. IN: **Revista U. S. P.**, São Paulo (32) : 26 - 43, dez. / fev. 1996 - 97.

UNICEF BRASIL. Acesso, permanência, aprendizagem e conclusão da educação básica na idade certa – Direito de todas e de cada uma das crianças e dos adolescentes / Fundo das Nações Unidas para a Infância. Brasília: UNICEF, 2012. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/br_oosc_execsum_ago12.pdf>. Acesso em 28 jan. 2014.

APÊNDICE A

O presente Questionário será utilizado em uma Monografia de Conclusão da Especialização em EJA pela UTFPR-Londrina.

Não é necessário se identificar, mas contamos com sua colaboração com respostas sinceras, para que possamos ajudar a repensar pontos importantes da EJA e assim contribuir com a melhora do curso.

1) a. Homem Mulher - b. Idade: _____

c. Você mora em Londrina ou na Região? Há quanto tempo?

Londrina - Há _____ anos.

Região : _____ Há _____ anos. Outro: _____

2) Você tem emprego com carteira assinada ?

Sim Não . No momento Desempregado.

3) Sua faixa salarial é :

Menos de um salário mínimo. Um salário mínimo Dois Salários mínimos

Três Salários mínimos Quatro salários mínimos Cinco ou mais salários mínimos

Ou . No momento Desempregado. Vivendo de: Seguro Desemprego
 Benefícios do Governo
 Serviços Esporádicos

(Bicos)

4) Possui casa própria ? Sim Não

Veículos ? Não Carro Moto

5) Porque resolveu retomar os estudos ? É um objetivo antigo?

6) a. Em que série e há quanto tempo interrompeu seus estudos ?

_____ Série . b. Há _____ anos.

7) Por qual motivo?

8) Você conseguiu realizar algum sonho? Qual?

9) Tem algum sonho ou outro(s) que gostaria de realizar?

10) Você vê diferença entre “Sonho”, “Necessidade” e “Objeto de consumo” ?

11) Para realizar seu(s) Sonho(s) você acha que um dos meios pode ser a Educação?

12) Você acha que através dos estudos é mais fácil conseguir realizar as coisas e talvez ser mais feliz, ou não, pois existem outros caminhos? Explique.
